



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ANTONIO JOSÉ PEREIRA DA SILVA

**ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UMA AVALIAÇÃO
DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS COM RELAÇÃO AOS TRAÇOS
GRADUAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Maceió – AL, Fevereiro, 2023

ANTONIO JOSÉ PEREIRA DA SILVA

**ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UMA AVALIAÇÃO
DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS COM RELAÇÃO AOS TRAÇOS
GRADUAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da
Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial
obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Aldir Santos de Paula

Maceió – AL, Fevereiro, 2023

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central

Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Jorge Raimundo da Silva – CRB-4 –1528

S586e Silva, Antonio José Pereira da.

Estudo da variação linguística em sala de aula: uma avaliação das atitudes linguísticas dos alunos com relação aos traços graduais da língua portuguesa / Antonio José Pereira da Silva. – 2023.
109 f.

Orientador: Aldir Santos de Paula.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 71-72.

Anexos: f. 73-109.

1. Língua Portuguesa. 2. Variação linguística. 3. Sociolinguística Educacional. 4. Traços Graduais - atitudes. I. Título.

CDU: 81'27

TERMO DE APROVAÇÃO

ANTONIO JOSÉ PEREIRA DA SILVA

**Título do trabalho: “ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA:
UMA AVALIAÇÃO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS COM RELAÇÃO
AOS TRAÇOS GRADUAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA”**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 28 de março de 2023, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:



Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira (UNEAL)



Prof. Dr. Fernando Augusto de Lima Oliveira (PROFLETRAS/UPE)

Maceió, 28 de março de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, ao Deus Todo Poderoso, que, em circunstâncias tão adversas, abriu, diante de mim, uma porta para realizar o mestrado. Uma das grandes bênçãos proporcionadas foi conseguir ingressar e finalizar este curso, não obstante a distância geográfica e um crítico período de pandemia, causada pelo novo coronavírus.

À equipe de professores e coordenadores do PROFLETRAS de Maceió, Alagoas, pelos conhecimentos e experiências adquiridos ao longo do curso. Sobretudo, pelas orientações e palavras de estímulo do meu orientador Prof. Doutor Aldir Santos de Paula, que, apesar da distância geográfica que nos separava, não se limitou a formular os seus preciosos comentários para o bom andamento deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio financeiro, através da concessão da bolsa.

À equipe gestora da escola, onde foi realizada a pesquisa, que não mediu esforços em garantir todo o apoio e estrutura para a implementação deste trabalho.

Aos meus queridos alunos do oitavo ano, pelo empenho e colaboração que demonstraram nas atividades; sobretudo, através da grande criatividade e dinamismo, ao longo de todas as oficinas, em que havia disciplina e senso de responsabilidade.

Não esquecendo aqueles que estavam muito próximos, ouvindo todas as inquietudes e oferecendo um inestimável apoio, como a minha querida esposa, Remédios, que sempre se interessou pelo andamento do curso e foi um esteio de orações por mim.

Aos meus filhos, que muito me ajudaram nos desafios da informática. À minha irmã Fernanda, por ter me ajudado também quanto aos recursos digitais e a todos outros irmãos e à minha querida mãe, por sempre ter demonstrado a satisfação com o meu progresso.

RESUMO

A variação linguística é uma característica inerente a todas as línguas e se manifesta na fala de todas as pessoas independentemente do nível de escolaridade ou classe social, em todas as variedades, inclusive nas chamadas normas prestigiadas. De acordo com Bortoni (2004), essa variação ocorre ao longo de um contínuo, manifestada nos traços graduais que, segundo Bagno (2007), constam no Vernáculo Geral Brasileiro, por exemplo através da monotongação e da assimilação. Esta variação social, de acordo com Faraco (2015), é “a verdadeira questão a ser enfrentada”. Assim, o presente trabalho se propõe a verificar a percepção do estudante sobre a variação que ocorre ao longo do contínuo de urbanização e que atitudes manifestam diante do fenômeno. Para tanto, optou-se pela análise das formas linguísticas *dinhêro*, *diêro*- como representantes da monotongação e *soltano*, como representante da assimilação; visto que se referem a traços graduais da língua, comparecendo, portanto, nas variedades estigmatizadas e prestigiadas. Esta pesquisa utiliza os pressupostos da Sociolinguística Educacional encontrados em Bortoni-Ricardo (2004, 2005), da Sociolinguística Variacionista, de acordo com Labov (2008), Bagno (2004, 2007, 2019, 2020) e da Pedagogia da Variação Linguística, segundo Cyranka (2007), Faraco (2008), dentre outros. Os procedimentos metodológicos consistem na aplicação de testes de percepção e atitudes, a fim de se conhecer o comportamento linguístico dos alunos.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Variação. Sociolinguística Educacional. Traços Graduais. Atitudes.

ABSTRACT

Linguistic variation is an inherent characteristic of all languages and manifests itself in the speech of all people, regardless of education level or social class, in all varieties, including the so-called prestigious norms. According to Bortoni (2004), this variation occurs along a continuum, manifested in the gradual traits that, according to Bagno (2007), appear in the Brazilian General Vernacular, for example through *monotongação* and assimilation. This social variation, according to Faraco (2015), is “the real issue to be faced”. Thus, the present work proposes to verify the student's perception of the variation that occurs along the urbanization continuum and what attitudes they manifest towards the phenomenon. For this purpose, were chosen the linguistic forms *dinhêro*, *diêro* - as representatives of *monotongação* and *soltano*, as representative of assimilation; since they refer to gradual traits of the language appearing, therefore, in the stigmatized and prestigious varieties. This research uses the assumptions of Educational Sociolinguistics found in Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Variationist Sociolinguistics, according to Labov (2008), Bagno (2004, 2007, 2019, 2020) and Pedagogy of Linguistic Variation, according to Cyranka (2007), Faraco (2008), among others. The methodological procedures consist of the application of perception and attitude tests, in order to know the students' linguistic behavior.

Keywords: Portuguese language. Variation. Educational Sociolinguistics. Gradual Traces. Attitudes.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Pátio da escola.....	37
Imagem 2- Refeitório da escola.....	37
Imagem 3- Oficina 1- Momento de roda de conversa.....	58
Imagem 4- Oficina 2- Alunos respondem exercícios, após projeção de imagens.....	59
Imagem 5- Oficina 6- Momento de culminância da intervenção.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Percepção do fenômeno variável.....	43
Gráfico 2- Percepção do fenômeno variável.....	44
Gráfico 3- Percepção do próprio uso linguístico.....	45
Gráfico 4-Percepção do próprio uso linguístico.....	46
Gráfico 5-Avaliação das formas linguísticas.....	47
Gráfico 6-Avaliação da forma linguística.....	48
Gráfico 7-Percepção do aspecto regional.....	50
Gráfico 8-Percepção do fator escolaridade.....	51
Gráfico 9-Percepção do fator escolaridade.....	52
Gráfico 10-Percepção do preconceito linguístico.....	53
Gráfico 11-Percepção do preconceito linguístico.....	54

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Sociolinguística	14
1.1 A Sociolinguística variacionista	15
1.2 A Sociolinguística educacional	18
1.2.1 A pedagogia da variação linguística e a norma-padrão.	21
1.3 Atitudes em relação às variedades linguísticas	23
1.4 O vernáculo geral brasileiro	27
1.5 O contínuo de urbanização e os traços graduais	28
1.6 Os processos fonológicos	30
1.6.1 O processo fonológico da monotongação	31
1.6.2 O processo fonológico da assimilação	32
2 Metodologia	35
2.1 O contexto da pesquisa: sujeito e pesquisador	36
2.2 Instrumentos de pesquisa	39
2.2.1 Questionário	39
2.2.2 A coleta dos dados	40
3 Análise dos dados	42
4 Intervenção	55
Considerações finais	71
Referências	74
Anexos	76

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios da disciplina Língua Portuguesa é utilizar, de forma eficaz, as estratégias e métodos de ensino existentes e buscar conciliar estes aspectos com a diversidade linguística presente nas salas de aula e discutir e entender os significados sociais da variação linguística e os usos prestigiados ou não da língua nestes espaço de formação.

Com o avanço das pesquisas em variação linguística, no Brasil, começaram a surgir, no início da década de 1980, discussões sobre a finalidade e os conteúdos do ensino de língua portuguesa. Um novo enfoque abrangendo a reflexão sobre a linguagem e o trabalho com textos reais passou a ganhar espaço como elementos privilegiados nas práticas de ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), no final da década de 1990, reconheciam que "O objeto de ensino e, portanto, de aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem". Em 2017, com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o tema da diversidade linguística passa a ganhar mais visibilidade, com um novo olhar sobre a importância da educação sociolinguística do estudante, na disciplina Língua Portuguesa, incluindo, dentre as suas competências, a compreensão da heterogeneidade linguística: "Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem" e também a dimensão da variação e do preconceito linguístico: "Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos". BRASIL (2017, p. 89).

Percebe-se, desta forma, a importância da reflexão, em sala de aula, sobre a variação linguística, porque faz parte do cotidiano dos estudantes, em que, não muito raro, vêm à tona questões de julgamentos e críticas concernentes a modos de falar, seja em situações particulares de convívio entre os estudantes, seja em eventos oralizados, controlados pelo professor.

Mais tarde, contudo, à medida que me aprofundava nos estudos sociolinguísticos, descobri que eu utilizava traços graduais na minha fala, como "camionero", mesmo em situações de fala monitorada. Além dessa motivação para o estudo do tema, a outra está no fato de que, apesar de inúmeras pesquisas realizadas nessa área, como tentativas de se combater o preconceito em relação à fala das pessoas, a discriminação e rejeição, ainda persiste nos meios escolares em

relação às variedades desprestigiadas; fato ilustrado através dos poucos espaços que são atribuídos à matéria nos perfis curriculares, como é o caso da rede de ensino em que se insere este trabalho, e, possivelmente, em outros sistemas de ensino.

Outra questão a considerar é o tratamento da variação linguística, dada pelos livros didáticos, que nos poucos espaços que dispõem para a abordagem da variação, enfocam apenas situações de fala para chamar a atenção do preconceito linguístico ou para apresentar a variação geográfica, que ocorre no Brasil, demonstrando que a língua não é uniforme; fato já constatado por Faraco (2015, p.20), “os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema, no mais da vezes limitado à apresentação, algo folclorizado, da variação geográfica (...)”.

Neste sentido, o presente trabalho procura abordar a variação linguística, levando a reflexão sobre os usos linguísticos dos traços graduais, pelo falante brasileiro, em geral. Uma vez que esse tema perpassa o contexto escolar, envolvendo alunos e professores e alcança as diferentes camadas da sociedade. O estudo apresenta a presença de traços graduais na fala espontânea, visto que, nas palavras de Cyranka, “esses traços graduais, ainda que ‘desobedeçam’ à norma-padrão, são comuns mesmo entre os conhecidos como ‘falantes cultos’. Estão presentes na fala dos professores e dos demais membros da comunidade escolar” (CYRANKA, 2015, p. 36).

O conhecimento da avaliação do aluno em relação a esses traços graduais permite verificar como esse aluno percebe a variação linguística, de modo geral. Várias pesquisas já foram realizadas no tocante a atitudes em relação à variação linguística, como Cyranka (2007), em que trata das crenças e atitudes de alunos de escolas públicas e privadas sobre as variedades linguísticas do contínuo rural-urbano; há também a pesquisa de Vitória (2017), com alunos de Letras-Português e, portanto, futuros professores, sobre variação e ensino; e o trabalho de Botassini (2015), também sobre atitudes com alunos de Letras. No contexto do ensino fundamental, a pesquisa de Araújo (2019), com alunos de EJA, investigando as atitudes dos alunos, e a relação com a autoestima e preconceito linguístico; como também Nascimento (2018), sobre atitudes de alunos de oitavo ano em relação à variação, também envolvendo o preconceito linguístico.

Verifica-se, entretanto, a lacuna de pesquisas que inclua o estudo com as variedades prestigiadas, no contexto da variação social, visto que essas variedades, à semelhança das variedades estigmatizadas, também empregam os traços graduais, principalmente, em situações não monitoradas. E a variação linguística, nesta abordagem, contribui para que o aluno desenvolva uma consciência sociolinguística e tenha uma maior percepção da heterogeneidade linguística.

Assim, considerando a importância de estudos sob a perspectiva da variação e a partir da constatação da necessidade de um trabalho sociolinguístico que inclua as variedades de prestígio, foi proposto o seguinte questionamento: “O ensino da variação linguística, sob a perspectiva dos traços graduais da fala, contribui para o aluno ampliar a compreensão do fenômeno da variação linguística, presente em todas as normas?”. A hipótese norteadora para ser confirmada ou refutada foi “a ausência de conhecimentos sociolinguísticos, sobretudo da variação linguística que ocorre ao longo do contínuo de urbanização, contribui para o desenvolvimento de atitudes relacionadas ao preconceito, tendo como uma de suas manifestações a discriminação em relação a usos da fala, que se afastam das variedades prestigiadas.

Desta forma, o presente trabalho, cujo projeto aprovado pelo Comitê de Ética da UFAL, sob o parecer 5.337.345 e CAAE: 5536.5222.7.0000.5013, tem por objetivo geral investigar a percepção dos alunos em relação à variação da fala, em situações não monitoradas e apresentar uma proposta de trabalho, com base nas reflexões sobre os traços graduais. E como objetivos específicos: levar os alunos à compreensão de que a variação linguística é um fenômeno inerente a todas as línguas, presente na fala de todas as pessoas, independente de classe social ou nível de escolaridade; conduzir os alunos à percepção de que a língua não é uniforme, mas variável e expressa sob diversas maneiras, incluindo os traços graduais; estimular o pensamento e a reflexão crítica concernente a questões de julgamentos da fala.

Para tanto, a pesquisa utiliza as contribuições da Sociolinguística Variacionista, de acordo com Labov (2008), os pressupostos da Sociolinguística Educacional, encontrados em Bortoni Ricardo (2004, 2005), e da Pedagogia da Variação Linguística, segundo Cyranka (2007), Faraco (2008), dentre outros, para a análise das atitudes dos alunos. Quanto à metodologia de pesquisa, trata-se de uma pesquisa-ação, qualitativa, com suporte quantitativo, visando analisar as atitudes e opiniões dos alunos referentes a questões relacionadas aos traços graduais. A coleta de dados é feita através das respostas a um questionário diagnóstico sobre atitudes e comportamento linguístico do aluno. Em seguida, é realizada a intervenção, com oficinas de leitura e escrita, abordando o tema da variação linguística.

Esta dissertação, além da introdução, é formada por quatro capítulos. O primeiro capítulo trata da Sociolinguística, que apresenta a variação linguística como algo natural do sistema linguístico; perpassando pela Sociolinguística Educacional, uma vez que os resultados da pesquisa

sociolinguística são levados para sala de aula; e coloca o desafio da pedagogia da variação linguística diante do ensino da norma-padrão. E, dentre os três contínuos da variação, o contínuo de urbanização, que, de acordo com os estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2005), estão relacionados à variação social, se manifestando nos traços graduais da língua portuguesa, com destaque para os processos fonológicos da monotongação e assimilação, que estão presentes no Vernáculo Geral Brasileiro; e como a variação social está ligada à avaliação do usuário da língua. As atitudes linguísticas também são abordadas no capítulo.

O segundo capítulo é dedicado à metodologia da pesquisa, em que são descritos os caminhos para se chegar aos achados da pesquisa, os instrumentos de pesquisa, que, no caso deste trabalho, por envolver avaliações e percepções do aluno, são questionários com perguntas objetivas e subjetivas; a coleta dos dados, o contexto da pesquisa-ação; além de descrever os colaboradores da pesquisa e outros assuntos relacionados à metodologia.

O terceiro capítulo analisa os dados da pesquisa, de acordo com o referencial teórico, que, nesta pesquisa, são Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), segundo os traços graduais da língua portuguesa, que, segundo o autor, estão presentes no Vernáculo Geral da Língua Portuguesa.

Finalmente, o quarto capítulo trata da intervenção realizada através de oficinas, que é seguido da conclusão, das referências e dos anexos.

1. A SOCIOLINGUÍSTICA

Nesta seção é apresentado o referencial teórico da pesquisa. Uma vez que o estudo aborda a variação em sala de aula, será tratado sobre o conceito e origem da Sociolinguística e suas duas importantes subdivisões, diretamente ligadas ao estudo da variação em sala de aula, que são: A Sociolinguística Variacionista e a Sociolinguística Educacional e, associado a esta disciplina, algumas considerações sobre Pedagogia da Variação Linguística e norma-padrão.

A Sociolinguística é uma teoria que estuda a relação entre língua e sociedade e se desenvolveu nos Estados Unidos, com as pesquisas de William Labov (1966) e estuda a língua no seu contexto social, partindo do princípio da heterogeneidade linguística, considerando que a língua não é falada da mesma maneira por todos os membros da comunidade. Para Labov (2008), a variação é inerente à língua, sendo, não só natural, mas também necessária para o seu funcionamento. Esta variação não é aleatória, mas regulada por fatores linguísticos associados a fatores extralinguísticos, tais como: a comunidade do falante, faixa etária, sexo, etnia, ocupação, escolaridade, dentre outros.

Labov (op. cit.) procurou demonstrar a regularidade dos fatos heterogêneos inerentes à língua como uma realidade ordenada, variável e sistemática; analisando a língua em seu uso real ao considerar as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Desta forma, a Sociolinguística se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua, tendo como um de seus objetivos entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro em que se apresenta a variação.

A investigação dos significados sociais presentes em fenômenos da variação linguística é uma tarefa da Sociolinguística, sempre correlacionados a grupos ou categorias sociais; e o fator social tem um papel preponderante na variação linguística, uma vez que a língua é essencialmente social, pois é ela que torna possível a interação e a comunicação entre os indivíduos. Essa relação, envolvendo aspectos extralinguísticos, como as atitudes, sempre devem ser consideradas na reflexão e na análise de fenômenos sociolinguísticos. Assim, com esse componente social, os estudos em linguagem rompem de vez com a concepção de língua homogênea, que prevalecia até então nos estudos linguísticos.

Desta forma, dada a riqueza da heterogeneidade linguística e a diversidade de falares que circula na sociedade, quando se fala em linguagem e ensino, se faz necessário que se pense em uma

educação sociolinguística que leve ao reconhecimento da heterogeneidade, para dar conta do estudo do fenômeno da variação, em sala de aula, com o maior grau possível de isenção de preconceito. É o que fica evidenciado em Bagno (2007, p. 22) ao afirmar:

Se a Sociolinguística tem um papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é o de reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade linguística. Um reconhecimento que não pode ficar na simples constatação, mas que tem de incorporar também uma instância de crítica e questionamento das crenças linguísticas estabelecidas (...).

Como essa heterogeneidade é inerente à linguagem humana, pode-se afirmar que o ensino da língua deve atender às diferenças sociais, culturais e linguísticas do aluno, pois o contato com essa diversidade contribui para ampliar o olhar em relação às diversas manifestações da fala e o desenvolvimento de atitudes de respeito e de combate a formas de discriminação. A aceitação das diferenças, neste sentido, pode levar também o aluno a ajustar a sua linguagem nas diferentes situações sociocomunicativas e tornar-se um usuário competente da língua. E com o espaço concedido para a heterogeneidade em sala de aula, o professor de Língua Portuguesa conhece também que variedades de língua o seu aluno está levando para a escola, e tem a oportunidade de criar situações didáticas de estudo e reflexão sobre a diversidade, tornando a variação linguística como objeto de estudo.

1.1 A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista trata da variação e da mudança linguística, contemplando os usos variáveis de fenômenos linguísticos em seu contexto social. Ela mostra a importância dos aspectos sociais e culturais da produção linguística, para a compreensão da língua em seu uso real. Assim, deve-se levar em consideração a relação entre esses aspectos e a estrutura linguística, pois a diversidade social e cultural é responsável pela heterogeneidade da língua.

Essa heterogeneidade é ordenada e a variação não é caótica ou aleatória, mas sistemática e regular dentro do sistema linguístico. A variação linguística é objeto da Sociolinguística Variacionista, que se propõe a estudar o reflexo das estruturas sociais na linguagem, buscando entender o que determina a ocorrência de cada fenômeno e como, diante dos dados obtidos, é possível contribuir para que as diferenças na produção linguística dos falantes sejam

compreendidas. Desse modo, a variação está relacionada aos diferentes modos em que é possível expressar-se em uma língua. Segundo Calvet (2002), pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essa variação é comum na fala de indivíduos em diferentes situações de comunicação, seja por fatores regionais, seja por fatores sociais de adequação da língua ou por fatores de ordem fonético-fonológica (estilística, geográfica, social, histórica).

Outra questão que vem à tona, quando se trata de variação linguística, é a chamada violência simbólica, que consiste em estigmatizar falantes de normas linguísticas desprestigiadas ou impor as prescrições da norma-padrão como único ensino legítimo no contexto escolar. Para combater tais práticas, é necessário desenvolver uma educação linguística que inclua uma postura investigativa e crítica; que encare, de fato, a realidade linguística sem idealização, colocando os fenômenos da língua, a variação e os preceitos da norma padrão no contexto das práticas sociais. E, sobretudo, desenvolver um olhar crítico em relação, ao que provém dos estudos científicos, e o que é derivado de avaliação social. A esse respeito, Faraco (2008), ao argumentar sobre correção linguística e variação, afirma que

Se queremos bem ensinar a língua, temos de ter bastante clareza sobre isso, não misturando o nível estrutural e os valores sociais, entendendo que aqueles que falam variedades desvalorizadas socialmente não são, por isso, linguisticamente inferiores. E, ao mesmo tempo, precisamos ter um olhar crítico sobre os índices sociais de valor (positivos ou negativos) que recobrem as variedades linguísticas, para que a norma culta/comum/standard fique adequadamente situada em meio às demais variedades e não se tornem em uma camisa de força, nem um fator de discriminação. (FARACO, 2008, p. 137).

Para que isso ocorra, é necessário que haja uma mudança de concepção de língua; um conhecimento do fato de que existem diferenças sociolinguísticas entre as pessoas e o aluno possui duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa e que uma, por ter mais prestígio, deve ser apropriada por ele; ao invés do uso de rotulação e estigmatização de formas consideradas “erradas”, as quais têm uma explicação científica, em questões de variação. E, assim, o professor não vai tentar apagar autoritariamente a variedade linguística do aluno, considerando-a como “feia” e “corrompida”, mas valorizá-la e orientar o aluno quanto à adequação ao contexto comunicativo, evidenciando que, nas situações de uso real da língua, o indivíduo pode fazer ajustes na fala, de acordo com propósitos comunicativos e necessidades específicas. É o que fica evidenciado em

Marques (2019):

A variação linguística está correlacionada às diversidades sociais, culturais, regionais, históricas e individuais, isto porque a linguagem humana varia de acordo com os falantes que a utilizam e a representam. A variação é comum na fala de indivíduos, em diferentes situações de comunicação, pois estes adequam a língua à sua necessidade (...). (MARQUES, 2019, p. 20).

Desta forma, fica evidenciado, nessas palavras, que, nas situações de uso real da língua, o indivíduo pode fazer ajustes na fala, de acordo com propósitos comunicativos e necessidades específicas. Essa adequação na comunicação pode ser caracterizada como uso competente da língua, tão defendido nas propostas de ensino reflexivo de língua portuguesa, apesar do modelo tradicional de ensino de língua classificar aquilo que se afasta da norma-padrão de desvio gramatical, e não como formas alternativas do sistema linguístico. A esse respeito, Tarallo (1986) aponta o fato da concorrência entre as variantes, resultando em uma ser prestigiado e outra estigmatizada:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. Inovadoras; de prestígio vs. estigmatizada. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (TARALLO, 1986, p. 11).

Vale salientar que o prestígio ou estigma é produto apenas da valoração social, ligada a status e classe social, e não a conhecimentos baseados em pesquisas da estrutura da língua, que demonstram os usos alternativos como fenômenos linguísticos no processo de variação, inerente a toda língua. E a variante considerada padrão deve o seu status a uma concepção de língua como um sistema de normas abstratas, externa ao falante e independente do contexto social. É uma tendência que privilegia o padrão idealizado pela classe de maior prestígio e não o uso efetivo da língua, nas diversas situações interativas e a diversidade do português brasileiro.

Nesse mesmo contexto, Tarallo (1986) também comenta sobre a pesquisa de Labov quanto ao estigma e o prestígio linguístico em relação ao fonema /r/, no final de palavras ou final de sílabas, no inglês falado em Nova Iorque, quando descobriu que a presença do fonema representa prestígio e a ausência, estigma, na valoração social do novo iorquino. Contudo, segundo Tarallo: "Não há nada inerente ao /r/ pós-vocálico que o defina como 'bom', 'ruim', 'correto' ou 'incorreto'. Trata-se somente de uma questão de atitude sociolinguística dos membros de uma comunidade". (TARALLO, 1986, p. 12).

Diante do exposto, pensa-se em uma proposta de ensino que conceba a língua como variável e passível de avaliação, que prima por uma abordagem que inclua o funcionamento real da língua como objeto de pesquisa e reconheça o fato de que a diferença entre ensino normativo e uso real da língua é reflexo da estratificação social e as variedades linguísticas são consideradas inferiores ou superiores, de acordo com a posição social de seus falantes. Um ensino que demonstre que, nas variedades, mesmo desprestigiadas, existe uma gramática e a variação não é fruto do acaso. É o que fica evidenciado nas palavras de Bagno (2007, p. 10):

(...) de certa forma, todas essas variantes são previsíveis, pois se definem com base em parâmetros estabelecidos pela estrutura da própria língua. E é exatamente a percepção e o estudo cuidadoso da variação linguística que nos revelam esses padrões, evidenciando, assim, a gramática profunda da língua, em suas constantes e em suas variações possíveis. (...)

Através destas palavras, nota-se que, por meio da percepção e do estudo da variação, pode-se chegar a um conhecimento mais profundo da língua, a exercitar o olhar em relação às regularidades dos fatos da língua e, no caso específico do ensino sociolinguístico em sala de aula, conduzir o aluno ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre a linguagem, quanto ao uso real em diversas situações, como também a repudiar qualquer forma de julgamento discriminatório, concernente à diversidade linguística.

Desta forma, estabelecido o fato de que a diversidade está presente nas práticas linguísticas e socioculturais, o contexto da sala de aula passa a constituir-se em espaço no qual as variedades linguísticas convivem pacificamente e o estudo abalizado de fenômenos da língua, na produção linguística dos falantes, como propõe a Sociolinguística Educacional, passa a contribuir para a mudança do comportamento linguístico do aluno sobre o que pensa e como reage, relativamente à variação linguística. E uma importante abordagem da variação, que pode ser feita pela Sociolinguística Educacional é a utilização da metodologia de análise do fenômeno da variação sob o ponto de vista do contínuo de urbanização, com enfoque nos traços graduais da língua portuguesa; pois, a língua, estudada nessa perspectiva, em seu uso real, contribui para o conhecimento amplo do fenômeno da variação linguística.

1.2 A Sociolinguística Educacional

Nesta seção, é abordado o papel da Sociolinguística no ensino de língua materna, ao mesmo tempo em que se discute propostas de aplicação dos conhecimentos sociolinguísticos, relacionando a Pedagogia da Variação Linguística e a norma-padrão.

A Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, com os estudos de William Labov, e, no Brasil, uma subárea foi denominada por Bortoni-Ricardo (2004) de Sociolinguística Educacional, por suas contribuições ao ensino de língua materna.

Neste sentido, quando se leva em conta um contexto de ensino de língua, no que diz respeito a questões relacionadas à diversidade linguística, pode-se encontrar sugestões de trabalho, em sociolinguística, para a sala de aula, produzidas por vários especialistas, como é o caso das reflexões teóricas de Bortoni-Ricardo (2004, p.53), que, ao comentar uma fala de Chico Bento, personagem bem conhecido pelos alunos, afirma: "Há ...traços na nossa listinha do Chico Bento que estão presentes na fala de todos os brasileiros e, portanto, se distribuem ao longo de todo o contínuo (...)".

Através dessa observação, vê-se a importância de um abalizado estudo sociolinguístico que inclua não só variedades estigmatizadas, mas também as variedades de prestígio; pois, se numa simples fala como a de Chico Bento, que é um personagem infantil, tipicamente alvo de preconceito linguístico, existem formas linguísticas características de variedades diversas, as quais são denominadas, nas pesquisas de Bortoni-Ricardo, traços **descontínuos** e traços **graduais**, pode-se dizer que a língua falada é alvo de constantes julgamentos dos falantes, que se evidenciam em diferentes avaliações, as quais, por estarem atreladas à valoração social, podem ser de prestígio ou de preconceito linguístico.

A partir daí se depreende a importância da Sociolinguística Educacional na conscientização crítica de professores e estudantes, em relação à variação linguística, acompanhada do respeito às variedades trazidas pelo aluno e da prática reflexiva, sempre respaldada por pesquisas científicas quanto aos usos linguísticos e consideração do valor da bagagem cultural e linguística do aluno. Ela está associada à solução de problemas pedagógicos na área da sociolinguística. É o que Bortoni-Ricardo (2014) defende ao afirmar:

Denominei Sociolinguística Educacional o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas. Para isso, o paradigma incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos, enriquecendo-os com subsídios oriundos de

áreas afins, como a pragmática, a linguística do texto, a linguística aplicada e análise do discurso. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 158)

A autora observa a questão da heterogeneidade linguística e sociocultural presente na sala de aula, relacionando variação e ensino de língua materna, apontando a necessidade de metodologias de ensino que valorizem os diversos usos linguísticos e propiciem aos alunos os recursos necessários para o desenvolvimento da competência comunicativa; tudo isso com a utilização de resultados de pesquisas em sociolinguística.

As contribuições da Sociolinguística Educacional são de valiosa importância para o ensino de Língua Portuguesa e para o desenvolvimento da consciência crítica do aluno em relação ao tratamento da variação linguística em sala de aula, pois ainda persiste no meio educacional a concepção de que a escola deve trabalhar unicamente com a variedade padrão. Como também um forte desconhecimento da realidade linguística do nosso país, uma vez que não se pode desprezar o fato da diversidade dos modos de falar na sociedade, que repercute, obviamente, no contexto escolar. Nesse contexto, vem a constatação de que ensinar a língua portuguesa não é ensinar apenas a gramática normativa ou as regras de metalinguagem.

A Sociolinguística Educacional propõe também a não imposição de uma norma-padrão, mas a garantia ao acesso de materiais diversos para aquisição de conhecimentos relacionados à heterogeneidade linguística como também para ampliação da competência comunicativa e do repertório linguístico do aluno. O aluno deve perceber que a língua é múltipla e nem sempre é usada do mesmo jeito, mas adequada ao contexto comunicativo. A escola passa, assim, a ser um espaço democrático de convivência em que transitam as diferentes variedades, sem qualquer forma de preconceito, como também o local de promoção da educação sociolinguística.

Neste sentido, Bagno (2007, p.134) afirma que “o trabalho de reeducação sociolinguística consiste em ampliar o repertório linguístico do aprendiz, em expandir sua competência comunicativa”. Pode-se afirmar também que o trabalho de educação sociolinguística envolve o conhecimento a respeito do que o aluno pensa e de como age em relação à variação linguística. Outra forma de promover essa educação é levar o debate do assunto para a sala de aula, acompanhado do estudo científico do fenômeno da variação linguística, que atesta o caráter mutável e instável da língua, podendo esse estudo incluir até mesmo um assunto que, em variação linguística, às vezes passa despercebido aos nossos olhos, que é a variação nas normas urbanas de prestígio, como bem atesta Bagno (2019, p. 58): “deixo aqui a sugestão para que a gente passe a

tratar de variedades urbanas de prestígio”.

Essas variedades, que correspondem à linguagem da comunidade letrada, usufruindo, portanto, de status social, deixam de ser consideradas como único objeto de ensino de língua materna, passando a receber um novo olhar. Para a Sociolinguística, pois, o que tem importância é o valor social da linguagem e o ensino legítimo é aquele em que o aluno utiliza o conhecimento da norma-padrão como acréscimo ao uso das variedades linguísticas de que já toma posse.

O que se percebe, entretanto, de forma quase generalizada, é que, em decorrência das demandas sociais e o elevado prestígio que camadas da sociedade atribuem à chamada “norma culta”, ainda privilegia-se fortemente o ensino normativo-prescritivista, em que as regras e as ‘exceções’ da língua não correspondem ao uso real dos usuários da língua. E neste percurso de ensino de língua, visualiza-se a necessidade de uma pedagogia que harmonize contribuições de estudos científicos sobre variação e ensino de norma-padrão.

1.2.1 A Pedagogia da Variação Linguística e a norma-padrão

A Pedagogia da Variação Linguística é uma proposta que surgiu dentro da área da Sociolinguística Educacional. É defendida por Zilles e Faraco (2015), Bagno (2007), Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Cyranka (2015), dentre outros.

A educação sociolinguística do aluno, acompanhada de uma Pedagogia da Variação Linguística, em que haja atitudes de respeito à diversidade é um tema há muito tempo discutido e, inclusive, previsto nos documentos oficiais, através de propostas de renovação do currículo escolar e atualização de conteúdos de ensino, respaldados em recentes pesquisas. Tudo isso, levando em conta o fato de que todas as variedades têm seu valor e são eficazes em sua utilização, merecendo, portanto, serem respeitadas e o seu ensino, transformado em uma prática pedagógica cotidiana em sala de aula; sem, contudo, esquecer que, nessa reflexão, deve ser incluída a questão das demandas da sociedade, surgidas, no ambiente escolar, em função de conceitos de padronização da língua.

Pode-se perceber a valorização da sociedade por essa padronização, quando a escola procura atender aos interesses de pais e profissionais que primam por um ensino que atribui grande valor à metalinguagem, à transmissão do conjunto de regras, para os usos linguísticos e o cumprimento de programas de conteúdo. E, seguindo esses parâmetros, a língua continua sendo elemento de discriminação social e o ensino de língua materna, centrado nos preceitos da norma-

padrão, desconsiderando a heterogeneidade e a realidade linguística dos diferentes falares.

A esse respeito, Faraco (2008) critica o tratamento anedótico e estereotipado da variação linguística feito pelos livros didáticos e enfatiza a importância da variação social no estudo da língua, afirmando que:

Isso posto, cabe reiterar que nosso grande desafio, neste início de século e milênio, é reunir esforços para construir uma pedagogia da variação linguística que não escamoteie a realidade linguística do país (reconheça-o como multilíngue e dê destaque crítico à variação social do português); não dê um tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação; localize adequadamente os fatos da norma culta/comum/standard no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; abandone criticamente o cultivo da norma-padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação. FARACO (2008, p.180)

Constata ainda que preceitos dogmáticos exercem força coercitiva através das gramáticas e dicionários, que são instrumentos de padronização da língua, tentando uniformizar o comportamento linguístico das pessoas. Contudo, apesar do estudioso apontar essa realidade, que ele chama de exclusão, de opressão e dominação, reconhece a demanda social pelo ensino dessa norma-padrão, como forma de ascensão social, pois está entranhado na valorização que a sociedade atribui à língua, o prestígio de poder e elevação social.

Essas atitudes em relação à língua, que tornam as formas de ensinar reguladas e norteadas pela norma-padrão, de acordo com a Gramática Normativa, vêm a se constituir em instrumento de poder e repressão. É o que afirma Bagno, (2007, p. 96)

Como produto sociocultural, vincula-se à esfera política, transformando em instrumento de poder, de coerção e, no período colonial, de submissão dos povos conquistados em outros continentes, a norma-padrão é um fenômeno marcado historicamente por uma ideologia excludente e opressora.

Para Bagno (2020), o estudo da norma-padrão torna-se mais eficaz quando acompanhado de reflexão, pois a reflexão linguística deve ser uma constante em sala de aula, acompanhada da investigação científica, de manifestações faladas e escritas, principalmente de situações autênticas, visto que nas atividades linguísticas autênticas pode ser observado o uso real da língua e, consequentemente, o fenômeno da variação linguística.

Quanto ao papel do professor, nessa pedagogia, Cyranka (2015, p. 35) defende uma

mudança de postura por parte do professor.

Há que se desenvolver uma nova atitude do professor de português. Ele precisa se lembrar, antes de tudo, de que não vai “ensinar” o que os alunos já sabem, ele não vai ensiná-los a falar português. O que cabe ao professor é, simplesmente, considerando as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem, conduzi-los nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa.

Desta forma, a Pedagogia da Variação Linguística propõe um ensino gramatical reflexivo, que garanta o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, sem desvalorizar a sua experiência linguística e cultural, mas leve em conta a sua realidade sociolinguística e garanta as condições de reflexão sobre os diferentes usos da linguagem e da variação linguística. Um ensino que leve os alunos a analisarem a fala e reconheçam nela um contínuo, que atravessa as diferentes variedades.

1.3 Atitudes em relação às variedades linguísticas

O estudo das atitudes linguísticas se refere à questão da avaliação relativa aos julgamentos subjetivos do usuário quanto às variedades linguísticas. Segundo Cyranka (2007)

As primeiras investigações sobre atitudes linguísticas, neste aspecto, remontam à década de 60, quando Lambert [et al], (1960) investigaram a avaliação de jovens canadenses falantes de francês e de inglês, em relação à sua própria língua. O experimento, que passou a ser conhecido como *matched guise*, ou comparação de modalidades, como foi traduzido em português por Bortoni-Ricardo (1977), consistiu em solicitar a falantes bilíngues desses idiomas que gravassem um mesmo texto lido ora numa língua ora noutra. (CYRANKA (2007, p. 27)

Como resultado da pesquisa, os avaliadores consideraram melhor os falantes da língua inglesa do que os falantes da língua francesa, sem se darem conta de que se tratava dos mesmos falantes para ambos os idiomas.

Sobre esse tema, pesquisadores vêm se dedicando ao estudo de crenças e atitudes linguísticas, demonstrando que são ligadas a fatores sociais e a questões de prestígio e estigmatização; além de influenciarem nos fenômenos de variação e mudança linguística. Labov (2008), em sua pesquisa sobre a variação linguística sobre a fonética do inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, na década de 1970, ressaltava a importância dos estudos relacionados a atitudes linguísticas. E, visto que o fenômeno da variação está ligado a avaliações dos usuários das

variedades e, uma vez que os diferentes falares despertam nos indivíduos crenças e atitudes diversas, os estudos em atitudes linguísticas se tornam cada vez mais relevantes.

Em relação ao tema da avaliação, em aspectos ligados à linguagem humana, os estudos de Cyranka (2007) contribuem para ressaltar a importância da investigação de atitudes linguísticas no desenvolvimento de competências do aluno ao afirmar que:

Compreender as atitudes linguísticas, isto é, investigar como os usuários avaliam a variedade utilizada por eles próprios e por seu interlocutor, tendo em vista os traços correlacionados com sua posição social, ou ainda com as práticas de oralidade e letramento, pode abrir caminho para, entre outros, possibilitar a otimização da aprendizagem escolar e motivar o desenvolvimento de competências linguísticas. (...) (CYRANKA, 2007, p.16).

Também se justifica a importância de estudos neste sentido, a possibilidade do pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua pelos falantes, além de agirem nos processos de variação e mudança linguística nas comunidades de fala. Essas atitudes podem ser de valorização ou desvalorização da língua e, geralmente, os grupos sociais que usufruem de maior prestígio ditam que variedade é de prestígio ou não.

Segundo Fiorin, todos nós temos impressões e fazemos julgamentos acerca de usos linguísticos e muitas delas são preconceituosas; e apontando a realidade da variação no sistema linguístico, afirma:

(...) As variantes de uma variável são semanticamente equivalentes; assim, pode-se dizer que, em português, é linguisticamente indiferente dizer pr[o]dução, pr[u]dução ou pr[ó]dução, da mesma forma que tanto faz dizer m[e]nino, m[i]nino ou m[é]nino. (FIORIN, 2019, p. 114).

Para o autor (op. cit.), “o uso linguístico é inerentemente variável e as variantes, embora linguisticamente indiferentes, são socialmente significativas.” Neste sentido, de acordo com Calvet (2002), as atitudes do falante estão ligadas à variação linguística, exercendo influência sobre o comportamento linguístico.

Com efeito, existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, e que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. Pode-se amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo de pregar um prego, enquanto as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico. (CALVET, 2002, p. 65).

Observa-se, a partir dessas palavras, que é nas atitudes que se manifesta a avaliação em relação à língua, que pode ser de prestígio ou de preconceito, as quais estão atreladas ao valor

atribuído à norma-padrão e às variedades populares. É o que apontam estudos sistemáticos e consistentes, baseados em pesquisas sociolinguísticas, como a pesquisa de Cyranka (2007), com alunos de escolas públicas de Juiz de Fora - MG, visando investigar julgamento desses alunos em relação a três variedades linguísticas, dentro do contínuo rural-urbano. A autora aplicou um questionário com perguntas diretas para os alunos. O teste de atitudes mostrou uma identificação de todos os alunos com a variedade rurbana, intermediária entre a rural e a urbana e a identificação da variedade urbana/culta com a dimensão de poder.

Na pesquisa desenvolvida por Araújo (2019), relacionando variação linguística e autoestima com alunos de EJA, demonstrou que o conhecimento da variação linguística aumenta a autoestima do aluno. A pesquisa com alunos do oitavo ano, desenvolvida por Nascimento Silva (2018) revelou o aumento da segurança linguística do aluno, à medida em que conhece sobre a variação.

Verifica-se a importância da realização de pesquisas, cujo foco seja o estudo da estreita relação entre aquilo que é trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa e as crenças que o aluno tem acerca da própria língua, uma vez que, sempre que a variação linguística é abordada, há diferentes atitudes concernentes à importância de cada variedade, pois está fortemente atrelada à valorização social que é atribuída à comunidade de fala. Neste sentido, temos as palavras de Marques (2019, p. 21):

A variação linguística está correlacionada às diversidades sociais, culturais, regionais, históricas e individuais, isto porque a linguagem humana varia de acordo com os falantes que a utilizam e a representam. A variação é comum na fala de indivíduos, em diferentes situações de comunicação, pois estes adequam a língua à sua necessidade, entretanto, ainda há uma atitude negativa de desrespeito em relação a alguns falares regionais ou sociais considerados inferiores.

Em relação ao tratamento relativo a esse tema pela escola, observa-se que é dada a prioridade ao ensino da norma-padrão, sem uma reflexão crítica. A escola, quando não leva em conta a diversidade linguística ou não aceita a cultura do aluno e do seu grupo social, contribui para a criação ou reforço das crenças negativas, que se manifestam na forma de preconceitos.

A investigação das atitudes e avaliações dos alunos face às variedades linguísticas é uma forma de identificar possíveis preconceitos em relação à língua. E, a partir daí, prima-se por um consistente trabalho de conscientização a respeito do combate a toda forma de intolerância a respeito de questões relacionadas à variação. Bagno, em *Preconceito linguístico*, discute essa

questão, ao comentar:

Se dizer Cráudia, praca, pranta é considerado “errado”, e, por outro lado, dizer frouxo, escravo, branco, praga é considerado “certo”, isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política- as pessoas que dizem Cráudia, praca, pranta, pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não têm acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e, por isso, a língua que elas falam sofrem o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. (BAGNO, 2004, p. 42).

Assim, percebe-se que o preconceito linguístico está presente em nossa sociedade e relaciona-se a questões de prestígio e atitudes em relação à língua. Pode-se afirmar que está atrelado à ideia de que a norma-padrão está acima das variedades linguísticas e, a partir daí, também ao conceito de superioridade linguística dos falantes que, supostamente, falam a variedade padrão. Entretanto, fica encoberto, nessa perspectiva, o fato de que a língua portuguesa possui muitas variedades dialetais que identificam geograficamente e socialmente as pessoas. Neste sentido, ao tratar do tema da variação linguística, Ilari (2006, p. 195) toca na questão das atitudes relacionadas a preconceito:

Portanto, variação existe, quer gostemos disso, quer não. Mas há muita gente para quem esse fato é um problema: essas pessoas se sensibilizam com a variação diastrática e tendem a achar que falar uma variedade diferente da variedade padrão é um problema sério para a sociedade e para quem o faz, talvez um vício, talvez um crime, talvez uma manifestação de inferioridade. É, mais uma vez, a atitude que levou os gregos a chamar de *bárbaros* todos aqueles que não falavam grego e que consiste em desclassificar o outro, desclassificando sua língua. Sempre que isso acontece, a língua torna-se um veículo de preconceitos e exclusões, uma função na qual, infelizmente, pode ser extremamente eficaz.

Dessa forma, a língua é um forte instrumento de discriminação social e uma das formas de se combater atitudes negativas de preconceito linguístico é levar para o espaço escolar o debate e a discussão das questões que surgem em função de avaliação social. Assim, é relevante a necessidade de uma pedagogia que integre um ensino de língua capaz de desconstruir preconceitos, que considere as variedades linguísticas como equivalentes e aponte as atitudes de prestígio ou discriminação como produto de avaliação social atribuída aos falantes, e não decorrentes de características intrínsecas da língua.

Não se pode conceber um ensino de língua que não leve em conta o fenômeno da heterogeneidade linguística, o estudo e a reflexão a respeito da diversidade social e linguística, que exerça impacto sobre as atitudes em relação à língua. Por isso, não se harmoniza com as atuais

descobertas em sociolinguística, um ensino que não discuta os embates e conflitos sociais decorrentes de comportamentos e atitudes ligados à linguagem humana. Que não leve em conta as atuais pesquisas sociolinguísticas que apontam as formas linguísticas inovadoras que já se tornaram quase categóricas no português falado pelo brasileiro, portanto, incluídas no Vernáculo Geral Brasileiro.

Almeja-se, neste sentido, um ensino que transporte para a sala de aula um trabalho efetivo e reflexivo com as variedades linguísticas e com os valores sociais da linguagem; considerando cada dialeto de uma língua como um conjunto de formas de expressão verbal com gramática e lógica linguística, possíveis de serem constatadas.

1.4 O Vernáculo Geral Brasileiro

Quando se leva em conta o uso e funcionamento da língua em contextos reais de interação, percebe-se o grande número de formas linguísticas partilhadas por falantes urbanos das variedades populares e das variedades cultas. Martins (2021, p.15) afirma que

(...) as semelhanças entre essas variedades são, em termos quantitativos, maiores do que as diferenças. Desse modo, os estudos permitem apontar que, em diversos fenômenos, a chamada fala popular não se distingue efetivamente da chamada fala culta (MARTINS, 2021, p.15)

Por isso, se justifica a importância de um estudo que examine formas linguísticas que atravessam, desde as variedades estigmatizadas até as variedades prestigiadas; uma vez que alguns traços linguísticos da chamada variedade popular ocorrem também nas variedades de prestígio.

Pode-se afirmar, desta forma, que existem traços linguísticos que são comuns à língua falada cotidianamente pelo usuário da língua portuguesa, em geral, indistintamente da variedade utilizada. Bagno (2007, p.51) afirma que o vernáculo “parece ser, portanto, a fonte mais segura para a investigação dos fenômenos de mudança linguística que afetam determinada língua num dado momento histórico.”

No dicionário eletrônico Houaiss, Vernáculo é “Idioma particular falado num país (nação ou região); língua nacional”. De acordo com Bagno (2007),

Cada grupo social tem o seu vernáculo, isto é, o estilo que, na variedade própria dessa

comunidade, representa a fala mais espontânea, menos monitorada, que emerge, sobretudo, nas interações verbais com menor grau de formalidade e/ou com maior carga de emotividade. BAGNO (2007, p.51)

No dicionário crítico de sociolinguística, o mesmo autor afirma:

O vernáculo geral brasileiro abrange as formas linguísticas inovadoras que já se tornaram (praticamente) categóricas em todas as **variedades** do português brasileiro, ou seja, os traços **graduais** que se instalam definitivamente nas variedades urbanas de prestígio e, por conseguinte, constituem **variantes** empregadas em todo o espectro socioeconômico e sociocultural brasileiro, uma vez que as formas inovadoras surgem no extrato social médio baixo da população e daí empreendem sua trajetória tanto rumo às camadas ainda mais baixas quanto rumo às de status mais elevados. (BAGNO, 2017, p. 476)

Percebe-se, desta forma, que algumas formas linguísticas inovadoras ganham o status de traços graduais da língua portuguesa por constituírem a língua falada pelo usuário de todas as variedades, inclusive as urbanas de prestígio. Esse entendimento pode levar à mudança de atitudes com relação às diversas manifestações da fala; pode evitar avaliações negativas diante de fatos da língua, que são perfeitamente explicáveis pelo próprio sistema da língua, independente do prestígio ou estigma associado à forma linguística. Uma das abordagens de estudo para se entender questões de prestígio e estigma atribuídos à língua é o conceito de Contínuo de Urbanização e os Traços Graduais, desenvolvido por Bortoni-Ricardo (2004).

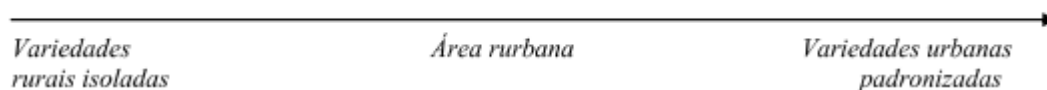
1.5 O Contínuo de Urbanização e os Traços Descontínuos e Graduais

Bortoni-Ricardo (2004) estabeleceu linhas imaginárias, denominadas de contínuos de variação, para uma melhor compreensão da variação do português brasileiro. De acordo com ela, no decorrer da história do país, devido a certas características geográficas, os grupos rurais foram se isolando para o interior, ao passo que os grupos urbanos se fixaram nas cidades, onde foram sofrendo as influências da padronização da escrita. Entre os dois grupos, surgem os grupos denominados rurbanos. Esses grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural e as comunidades interioranas, influenciadas pela cultura urbana.

Neste sentido, para uma melhor compreensão da variação do português brasileiro, Bortoni-Ricardo (2004, p. 51) apresenta o modelo de análise das variedades linguísticas através dos três contínuos, como meio de renovação das práticas pedagógicas de educação em língua materna, que

são: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística.

A autora também afirma que qualquer falante do português brasileiro pode ser situado em qualquer ponto desse contínuo, levando em conta a região onde ele nasceu e vive. De acordo com o contínuo de urbanização, que é o contínuo abordado neste estudo, na extremidade à esquerda, ficam os falares rurais; na outra extremidade, os falares urbanos; no centro do contínuo, localizam-se os falares rurbanos. Para a autora, essa perspectiva de estudos evita preconceitos em relação à língua, como língua padrão, dialetos e variedades não padrão, pois não existem fronteiras rígidas que separem os falares, conforme a imagem abaixo:



(BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52)

Na ponta esquerda do contínuo, segundo Bortoni-Ricardo (2004), estão situados os padrões utilizados pelos falantes do dialeto rural, que sofrem o estigma da sociedade, por serem usados apenas por estes grupos, por isso, sendo chamados descontínuos. Na outra ponta, encontram-se os padrões de fala dos falantes urbanos, que sofrem a influência da norma-padrão; apresentando, por isso, os traços graduais, que são comuns a todos os falantes pertencentes, de acordo com Bagno (2007; 2017), ao Vernáculo Geral Brasileiro. Pode-se perceber, através dessa linha imaginária, um reflexo da realidade da língua em uso, ou seja, que não existem fronteiras rígidas entre as variedades linguísticas. É o que fica evidenciado no comentário abaixo:

No contínuo de urbanização, não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos ou urbanos. As fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares (por isso mesmo, falamos de um contínuo). Por isso, em vez de considerá-los como entidades em nossa análise, vamos propor a você uma análise mais funcional (...). (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 153)

Nesta mesma linha, segue Faraco (2008), em sua argumentação da construção de uma pedagogia da variação linguística, quando trata de ensino de língua e norma-padrão, ao defender

que a discussão em torno da norma culta no Brasil passa pelo reconhecimento das variedades que constituem a língua portuguesa, que, por sua vez, passam pelos três contínuos encontrados nos estudos de Bortoni-Ricardo, de acordo com as palavras abaixo:

O modelo que, no momento, parece fornecer o melhor instrumental para registro da diversidade já estudada é o proposto por Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005), que busca distribuir as variedades em três continua que se entrecruzam: o contínuo rural-urbano, o de oralidade-letramento e o da monitoração estilística. (FARACO, 2008, p. 44)

Também neste contínuo, a pesquisadora aponta a presença de traços nas variedades, que chama de traços **descontínuos** e traços **graduais**, ressaltando que, dentre os três contínuos, o contínuo de urbanização é o mais sujeito a julgamentos e opiniões pessoais, associado a prestígio e estigma linguístico. Os traços graduais são aqueles elementos presentes em todas as variedades linguísticas do contínuo de urbanização, independentemente de seu prestígio e estão presentes na atividade linguística de todos os brasileiros; enquanto que os traços descontínuos são os registros (orais ou escritos) que recebem maior estigma dos grupos urbanos, por estarem presentes nas variedades de grupos localizados na base da hierarquia social.

Como esta pesquisa está relacionada a atitudes e julgamentos, os outros contínuos não são observados; foi escolhido, para abordagem, apenas o contínuo de urbanização, com enfoque nos traços graduais. Por isso, os processos fonológicos destacados na pesquisa são a monotongação e a assimilação.

1.6 Os Processos Fonológicos

Processos fonológicos são as alterações sonoras ocorridas nas formas básicas dos morfemas, em início, meio ou fim de palavra. O estudo desses processos é importante para a compreensão da variação linguística. De acordo com Roberto (2016, p. 117):

O estudo dos processos fonológicos é relevante para compreender diferentes aspectos da língua, tais como mudanças da língua (estudo diacrônico), variações fonéticas (importantes em estudos sociolinguísticos diversos) e questões de aquisição da linguagem (já que diferentes processos costumam se manifestar com frequência nessa fase). (ROBERTO, 2016, p. 117)

Esses processos podem ser de diversos tipos, sendo que a monotongação e a assimilação, objeto desse estudo, estão dentre eles.

1.6.1 O Processo fonológico da monotongação

A monotongação é o nome que se dá ao processo em que um ditongo é realizado como uma vogal simples, decorrente do apagamento da semivogal do ditongo. A escolha entre a realização ou não desse fenômeno não é aleatória: fatores linguísticos (como o contexto fonológico) e extralinguísticos (como sexo, faixa etária e escolaridade) determinam a monotongação.

Esse processo é muito comum na fala dos alunos, independentemente do nível de escolaridade em que se encontram. Formas de falar como “banhêro”, “chuvêro” e “primêro” são bastante recorrentes em sala de aula, como na fala do brasileiro, em geral. Os alunos utilizam e ouvem essas formas, sem perceberem que se tratam de traços graduais da língua portuguesa.

Bagno (2007) aponta como exemplo a pronúncia da palavra dinheiro, que o falante, em geral, principalmente em situações não monitoradas, faz a redução do ditongo [ej], diante de consoantes palatais ou da vibrante simples, que, segundo o autor, é também um tipo de assimilação.

Dinhêro – os ditongos escritos EL e AL se transformam nas vogais simples /e/ e /a/ quando são seguidos de uma consoante palatal (as que escrevemos x e j) ou da vibrante simples /r/ (O R de ARARA). É mais um caso de assimilação. Todo e qualquer brasileiro (“brasileiro”) fala assim. A pronúncia do ditongo ocorre principalmente em fala muito monitorada, principalmente quando a pessoa está lendo um texto em voz alta e se deixa influenciar pela grafia. (BAGNO, 2007, p. 214)

Segundo o autor, a pronúncia, de acordo com a ortografia, é artificial e não corresponde à realidade falada pela maioria dos brasileiros, interferindo no processo da escrita. Problema que também é percebido por Bortoni-Ricardo, quando aborda o mesmo assunto.

Ainda que a regra de monotongação dos ditongos com a semivogal /i/ esteja menos avançada na língua que a regra de monotongação do ditongo/ou/, ela requer também muita atenção em sala de aula, principalmente em palavras muito usadas como Dinheiro, Cozinheiro, Inteiro, Cabeleireiro, Beijo, Limoeiro etc. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 97)

A identificação desses traços graduais, no contínuo de urbanização – falares rurais, urbanos e rurbanos - demonstram, segundo a autora, que não existem fronteiras rígidas entre as variedades, ao contrário, elas se sobrepõem. Por isso, verifica-se a presença dos traços graduais, abordados acima, tanto nas variedades de prestígio, quanto nas variedades estigmatizadas.

Também, neste sentido, Sousa e Pedrosa (2021), na pesquisa sobre a monotongação na fala de homens de João Pessoa demonstram que o falante quase não tem consciência do fenômeno, ao afirmar:

De acordo com a análise dos dados da pesquisa, a monotongação é um fenômeno linguístico do qual o falante quase não tem consciência, e, por isso mesmo, variáveis extralinguísticas como faixa etária e escolaridade não são significativas. (SOUSA e PEDROSA, 2021, p. 80)

Assim, vê-se claramente que a monotongação faz parte da língua falada no dia a dia, do uso linguístico do brasileiro, em geral, caracterizando o Vernáculo Geral Brasileiro. A esse respeito, Martins (2021) atesta também o fato da monotongação estar presente nos estilos formais das variedades prestigiadas.

(...) a monotongação de ditongos decrescentes é afim ao processo de abertura das sílabas pela perda da consoante em posição de coda. O traço apresenta uma estratificação gradual, isto é, alguns ditongos em certos ambientes linguísticos são quase categoricamente reduzidos até em estilos formais da língua padrão urbana, por exemplo “outro”>”otro”, “peixe”>”pexe”. Em outros ambientes, todavia, a redução é estigmatizada e funciona como um indicador tanto de variedades urbanas desprestigiadas, quanto de vernáculos rurais (...). (MARTINS, 2021, p 42)

Desta forma, a monotongação, que é favorecida por fatores fonético-fonológicos, evidencia uma mudança linguística em progresso, em estágio avançado, independentemente da variedade linguística.

1.6.2 O Processo fonológico da assimilação

A assimilação é um tipo muito frequente de modificação sofrida por um fonema em contato com um fonema vizinho, o que acontece devido ao fato de as duas unidades em contato terem traços articulatórios comuns. Segundo Roberto (2016, p.118), a assimilação é quando “um segmento se torna semelhante a outro, assumindo traços de um segmento vizinho”.

Também trata-se de um traço muito comum na fala do brasileiro, em geral, e por extenso, aparece também na sala de aula. De acordo com Gonçalves (2017), vários estudos têm sido realizados sobre o apagamento da oclusiva dental sonora [d] na sequência –ndo, notadamente em

verbos no gerúndio, em diversas partes do Brasil:

Rio de Janeiro (MOLLICA, 1989), Belo Horizonte (CRISTÓFARO SILVA, 1996), João Pessoa (MARTINS, 1999; 2001), Minas Gerais (MARTINS, 2006), São José do Rio Preto (FERREIRA, 2010), Dourados e Ponta Porã-MS (MARTINS BUENO, 2011), Taboco-MS (VIEIRA, 2011), Fortaleza (NASCIMENTO ET AL..., 2013) e também em localidades da região Norte, Centro Oeste e Sul (ARAÚJO & ARAGÃO, 2016). (ROBERTO, 2016, p.118)

A respeito desse fenômeno, Bortoni-Ricardo (2004) observa que são “regras graduais muito produtivas no português brasileiro” e cita alguns exemplos de assimilação de palavras bem conhecidas, em que, numa sequência de sons parecidos, um som assimila o outro:

É o que acontece nas sequências /nd/ e /mb/. A primeira /nd/ é formada por duas consoantes alveolares e ocorre principalmente nos gerúndios:

Falando > falanu

Vindo > vinu

Comendo > comenu. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.102)

Essa variação está presente ao longo do território brasileiro, independente da região, atestando que é um traço gradual da língua portuguesa. O uso da forma linguística atravessa as diferentes variedades, em situações de fala não monitorada. É o que destaca Bagno (2007, p. 214):

Soltano- a terminação característica do gerúndio é -NDO. Como o /n/ e o /d/ são consoantes que compartilham algumas semelhanças no ponto de articulação e no modo de articulação (as duas são oclusivas alveolares), ocorre aquilo que chamamos, nos estudos fonéticos, de assimilação, isto é, uma modificação que leva um dos fonemas a se tornar semelhante ao outro. Nesse caso, é o /d/ que é assimilado pelo /n/. Disso resulta, primeiramente, uma consoante dupla /nn/, que logo se simplifica em /n/. Esse é um traço gradual do português brasileiro, porque mesmo os falantes mais escolarizados tendem a pronunciar, na fala menos monitorada, a terminação dos gerúndios (...).

Observa-se que o fenômeno aparece até na fala do falante mais escolarizado. A partir dessa constatação, pode-se ver a importância do estudo da variação, do ponto de vista do contínuo de urbanização. Por esse motivo justifica-se a apresentação aos alunos dessa forma linguística, como traço gradual da fala. E o uso deste traço é generalizado, conforme pesquisa realizada sobre o processo de apagamento de /d/ em gerúndios, na cidade de Maceió- AL, em que Almeida e Oliveira (2017, p. 207) concluíram que:

Após análises da variação da forma de gerúndio -ndo, no falar maceioense, constatamos resultados que confirmam a hipótese levantada por Mollica e Mattos (1992), Perini (2010), Naro e Scherre (2007), de que se trata de uma variação presente em regiões diversas no território brasileiro, pois, dentre outras, como o sudeste e o norte, também o nordeste

apresenta apagamento de (d) nos gerúndios.

Assim, vê-se que a assimilação do /ndo/ em /n/ é um fenômeno que se consolida como um traço gradual da língua, demonstrando que existe pouca (ou nenhuma) avaliação negativa sobre o seu uso, visto fazer parte do vernáculo da língua portuguesa.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa está embasada, predominantemente, nos pressupostos da Sociolinguística Educacional, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004; 2005), por conduzir o estudo das variedades linguísticas para a sala de aula e refletir sobre as questões de prestígio e estigmatização, no uso real da língua. Como se trata de uma pesquisa-ação, pretende-se, por meio dos resultados, ampliar os conhecimentos do pesquisador e dos pesquisados através da prática, da reflexão e da transformação de uma situação concreta da realidade.

Nesta seção, é apresentado o contexto, os sujeitos, o percurso metodológico adotado, o corpus e os instrumentos utilizados para coleta de dados deste trabalho. Esta pesquisa é qualitativa, pois visa a compreensão e interpretação de comportamentos e por envolver crenças, valores e atitudes; pois nas palavras de Minayo (2001, p. 21 e 22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21 e 22)

Também é de natureza quantitativa, uma vez que visa quantificar alguns dados para classificá-los e analisá-los. Quanto à estratégia de pesquisa, é uma pesquisa-ação, por haver interação entre pesquisador e participante, como também por agir na realidade estudada, buscando uma possível solução. Neste sentido, temos as palavras de Thiollent (2008, p.14):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2008, p.14)

Utilizando essa abordagem, investigou-se as atitudes dos alunos diante da variação linguística, cujo enfoque foram os traços graduais, para verificar se os alunos percebiam a variação, de forma contínua, atravessando as variedades prestigiadas e estigmatizadas.

A proposta de intervenção é apoiada, principalmente, nos estudos e princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista, e Sociolinguística Educacional, com destaque para os contínuos na variação linguística, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007).

2.1 O contexto da pesquisa- sujeitos e pesquisador

Em relação à realização da pesquisa, o período em que seria o início, coincidiu exatamente com a fase de retorno às aulas, em que houve uma série de restrições: os alunos foram divididos em grupos para a modalidade presencial; em casa, todos assistiam aulas pela TV, como complemento das atividades em sala de aula. Por esse motivo, a pesquisa com os alunos teve o seu início adiado várias vezes, repercutindo até mesmo na alteração do cronograma de execução. Além disso, houve também as exigências da rede de ensino, quanto à atualização dos conteúdos, com vistas a recuperar o ‘tempo perdido’. Mesmo assim, havia a preocupação de tornar os alunos cientes de que iriam participar de uma pesquisa científica. Nessa expectativa, os diretores e pedagogo da escola também foram informados do trabalho a ser feito com os alunos.

Antes da realização da proposta, um questionário foi aplicado com vistas a conhecer a atitude dos alunos frente às variedades linguísticas e, assim, conhecer o seu comportamento sociolinguístico. Visando evitar possíveis riscos, foi garantido o anonimato dos alunos envolvidos na pesquisa.

A escola em que foi realizada a pesquisa está localizada na zona periférica da cidade de Teresina, com histórico de zona rural até os anos 1980. Atualmente, o IDEB Teresina é, para os anos iniciais - 7,4 e anos Finais - 6,3. A cidade tem se destacado nacionalmente em termos de educação, sendo considerada até entre os melhores índices no Nordeste e no Brasil; sendo que o índice da escola em que foi realizada a pesquisa é de 5,5, o que representa um grande avanço, visto que já chegou, em alguns anos atrás, a 2,5. A escola funciona em dois turnos: com 9 turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Quanto à estrutura física, o imóvel passou por uma recente reforma, para construção de quadra esportiva e refeitório; possui ainda: 01 salas de professores, 01 bibliotecas, 01 sala para a direção, 01 sala para secretaria, 01 almoxarifado, 01 laboratório de informática, 01 cozinha com depósito para merenda, 01 espaço coberto que serve como auditório para desenvolver algumas atividades. Há também 03 banheiros, sendo 01 para funcionários, 01 para alunos e 01 para alunas. No que diz respeito aos equipamentos didáticos necessários em sala de aula, possui apenas um data-show e um notebook disponível para os professores; a maioria dos alunos possui celular, mas não é disponibilizada a internet.



Imagem 1- Quadra de esportes



Imagem 2- Refeitório dos alunos

A turma do oitavo ano, em que a pesquisa foi realizada é composta por 33 alunos, sendo dezessete do gênero feminino e dezesseis do gênero masculino. Apenas um aluno tem acompanhamento especial, diagnosticado com TEA (Transtorno do Espectro Autismo); são da

faixa etária dos treze a catorze anos e não têm histórico de reprovação, apesar de apresentarem grande déficit de aprendizagem, intensificado pelo período de pandemia. E a comunidade em que está inserida a escola é composta principalmente por moradores provenientes de áreas de assentamento ou regiões invadidas; algumas famílias em situações precárias, sendo, inclusive, beneficiárias de complementação de renda concedida pelo governo federal.

A escolha da turma deve-se ao fato de haver vários alunos com baixo desempenho acadêmico, com problemas de leitura e escrita, como também dificuldades em participar de eventos oralizados; outro fator foi a forma de interação em sala de aula, que era marcada pela presença de comentários relativos à maneira de falar de alguns alunos, provenientes de outras regiões do país; resultando até mesmo em forma de preconceito linguístico.

Além desses aspectos, o que também motivou a pesquisa na turma foi o fato de o pesquisador ter passado semelhantes situações de constrangimento em relação à forma de falar, sendo até alvo de preconceito em relação à pronúncia de algumas palavras. Nessa época, não percebia que as formas linguísticas que utilizava eram traços graduais, falados pelo brasileiro, em geral, como por exemplo, com o apagamento da semivogal *i* nos encontros *ei*.

Meu contato inicial com a sociolinguística ocorreu no ano de 2004, ao entrar na graduação, através de várias disciplinas ministradas pelo mesmo professor, que acompanhou a turma do primeiro ao último período. A partir daí, foi surgindo um novo olhar em relação à norma-padrão, cujo aprendizado era o motivo principal da escolha pelo curso de Letras-Português. E os assuntos relativos à variação linguística eram predominantes no curso, acompanhados de acirrados debates. Havendo até um desafio para todos os alunos lerem o livro "Preconceito Linguístico", de Bagno; e, a partir daí, fazerem um comentário sobre o livro.

Ao iniciar o trabalho em sala de aula, este pesquisador percebeu que a realidade da variação linguística do aluno destoava em muito da tentativa de padronização da língua, através da norma-padrão. Presenciava situações de preconceito linguístico na atitude dos professores em relação aos alunos e, algumas vezes, do aluno em relação ao professor.

Posteriormente, com o ingresso no curso de mestrado através do PROFLETRAS, a oportunidade de estudar assuntos sociolinguísticos, baseados em pesquisas científicas, representou uma nova perspectiva de conhecimentos na vida deste pesquisador, de tal forma que

a escolha para um projeto de pesquisa recaiu exatamente nos estudos sociolinguísticos. Desta forma, constitui-se uma realização pessoal do pesquisador desenvolver um trabalho neste campo de pesquisa, tão importante para o ensino de língua portuguesa.

2.2 Instrumento de pesquisa

2.2.1 Questionários

Como instrumentos para geração de dados foram usados questionários escritos, cujas respostas são analisadas à luz dos conhecimentos sociolinguísticos, com enfoque nos traços graduais da língua portuguesa. Eles são o instrumento utilizado para verificar as atitudes dos alunos de oitavo ano, em relação às variantes da palavra dinheiro: **[[dʒiperu]** e **[dʒieru]** ‘dinheiro’ e ‘diêro’, visando facilitar a compreensão para o aluno. representando o processo fonológico da monotongação que, segundo pesquisas de Bagno (2007) e Bortoni (2004) são traços graduais da Língua Portuguesa, portanto presentes na fala cotidiana do brasileiro e a variante da palavra soltando: **[sowtanu]** ‘soltanu’ representando a assimilação, que, segundo os mesmos teóricos, também são traços graduais da língua. Esses traços também apareciam na fala dos alunos, nos momentos de interação com o professor ou entre eles.

O questionário foi composto por 11 questões, sendo 7 abertas e 4 fechadas; com base em seis parâmetros de julgamento, de acordo com Araújo e Mendonça (2018) e englobou a percepção da variação; a crença a respeito do próprio uso linguístico; o julgamento metalinguístico das formas; a região; a escolaridade e o preconceito linguístico.

A turma escolhida para esta pesquisa é composta por 33 alunos, sendo 16 do gênero masculino e 17 do gênero feminino. A variável gênero ou sexo, apesar de grande importância nos estudos sociolinguísticos, não será levada em conta neste estudo, visto tratar-se apenas de conhecer a avaliação dos alunos sobre variedades linguísticas e não a sua forma de falar. Para facilitar a análise, escolheu-se apenas oito questionários como amostra. O critério de escolha foi utilizar os questionários completamente preenchidos, visto que nem todos responderam às perguntas com respostas abertas e o interesse principal da pesquisa era examinar a atitude do aluno

em relação aos traços graduais. A fim de preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, os alunos serão identificados por códigos, a saber: (P1; P2; P3; P4; P5; P6; P7 e P8). Após a aplicação do questionário, segue a coleta dos dados, demonstrados em forma de gráficos, para, em seguida serem analisados.

A escolha deste questionário deve-se ao fato de representar uma abordagem direta do sujeito pesquisado e a mensuração de atitudes diante de fenômenos linguísticos. Assim, optou-se pela aplicação de um questionário, nesta pesquisa, com os parâmetros descritos acima, para mensurar as atitudes dos alunos em relação a variantes largamente disseminadas no português brasileiro.

2.2.2 A coleta dos dados

A coleta de dados é um processo de apuração de informações para comprovar uma problemática levantada. A partir da aplicação do teste de atitudes linguísticas, foram coletados os dados para subsidiarem esta pesquisa. Esta é uma importante etapa, é o momento em que vão ser definidos os meios de obtenção dos dados, pois segundo De Paula (2022, p. 11):

Tendo definido o perfil esperado dos colaboradores da pesquisa e o número dos mesmos, é necessário definir como se dará o contato, por: interações livres, entrevistas ou testes e quantos encontros serão precisos para a coleta dos dados.

Esta pesquisa utiliza uma amostragem composta por oito alunos do oitavo ano de uma escola municipal de Teresina; para esta escolha utilizou-se o critério dos questionários que foram preenchidos até o final, inclusive, com as respostas subjetivas. O questionário é um importante recurso de pesquisa, pois, segundo Thiollent (2008, p.65):

No contexto particular da pesquisa-ação, os questionários obedecem a algumas das regras dos questionários comuns (clareza das perguntas, perguntas fechadas, escolha múltipla, perguntas abertas, etc.). (...) Ele traz informações sobre o universo considerado, que serão analisadas e discutidas em reuniões e seminários com a participação de pessoas representativas. (THIOLLENT, 2008, p. 65)

Os questionários são, portanto, importantes técnicas de investigação que proporcionam as informações ao pesquisador, constituindo-se, desta forma, no corpus desta pesquisa, cujo resultado é comentado e apresentado em gráficos.

3 ANÁLISE DOS DADOS

O estudo da heterogeneidade linguística permite conhecer o estado real da língua em um dado momento histórico, através da análise das correlações entre o uso da língua e a variação social. Um desses estudos é o exame das atitudes linguísticas dos falantes em relação a formas padronizadas e às empregadas nas variedades linguísticas.

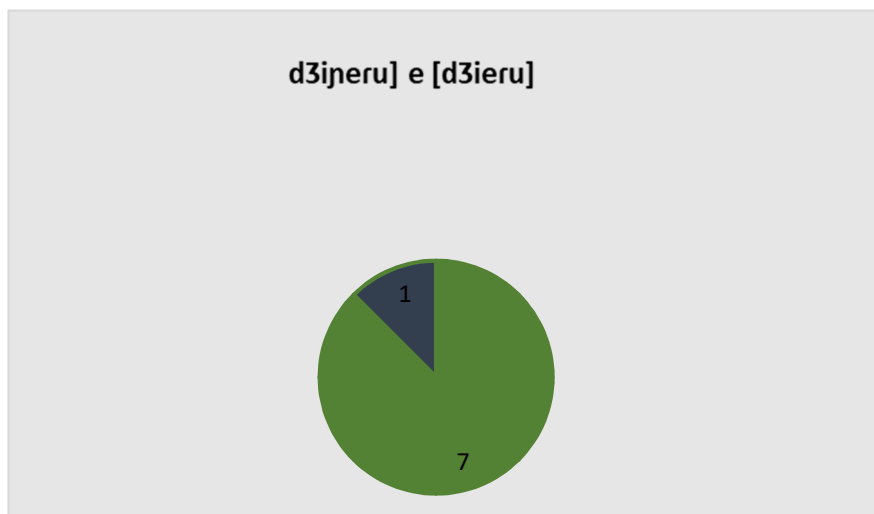
Esse tema é muito recorrente nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo, na turma, alvo deste estudo, que, por características peculiares, como a origem dos alunos de bairros com forte crescimento populacional, surgindo dentre eles alguns com sotaque de outras regiões; e constantes comentários concernentes aos traços linguísticos de alguns alunos em que eram mais evidentes as características na fala.

Neste sentido, concebeu-se este trabalho, para conhecer opiniões, concepções e pensamentos dos alunos sobre sua própria língua e a de outros grupos sociais. Para tanto, o questionário serviu como avaliação diagnóstica sobre as atitudes dos alunos em relação à variação linguística. Como forma de facilitar a análise, devido ao fato do questionário ser constituído por onze questões, com sete abertas, envolvendo atitudes e comportamentos diante de fenômenos variáveis, escolheu-se os questionários de apenas oito colaboradores, que foram aqueles que responderam a todas as questões objetivas e subjetivas. As respostas serviram como amostra para análise do material.

a) Percepção do fenômeno variável

Este trabalho enfoca os traços graduais da língua portuguesa, que é um fenômeno bem comum na fala do brasileiro, independente da variedade linguística utilizada. Por este motivo, é importante a avaliação linguística, segundo o parâmetro da percepção do fenômeno variável, para ver se o aluno realmente percebe essa variação.

Gráfico 1 - Percepção do fenômeno variável

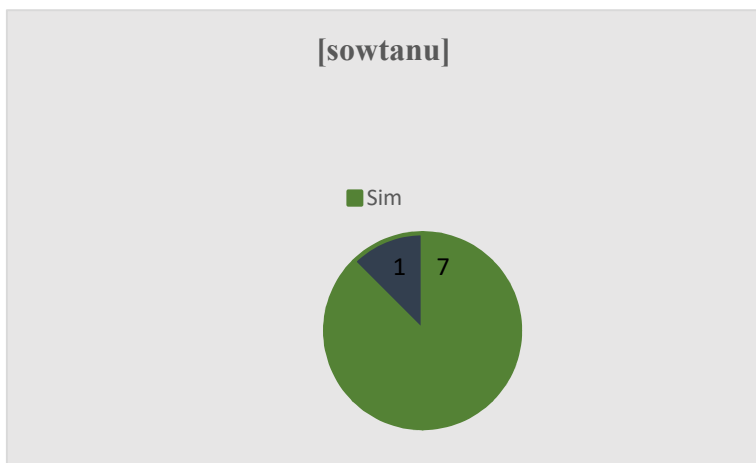


Fonte: o autor

Diante da primeira questão: “É comum ouvir as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: ‘dinheiro’ ou ‘diêro’?” - sete alunos responderam “sim”, demonstrando terem conhecimento da variação da palavra dinheiro. Apesar da questão se restringir ao local onde mora, a percepção dessa variação, pode indicar que o aluno constata o emprego da variante não apenas nas interações sociais cotidianas, mas ouve também nas mídias sociais, de forma generalizada. Os sete que responderam afirmativamente, confirmam as palavras de Bagno (2007, p.214): “Todo e qualquer brasileiro (‘brasileiro’) fala assim”. O uso dessas formas já é bastante disseminado em nossa língua, e os alunos mostraram que conhecem o processo em variação.

Em relação ao aluno P.6 que respondeu negativamente, talvez o fez por não atentar para a diferenciação na forma escrita das variantes, em relação à ortografia ou por não ter sido alertado para a realidade da variação, demonstrando que não percebe o uso da palavra como um traço gradual.

Gráfico 2- Percepção do fenômeno variável



Fonte: o autor

Em relação a segunda pergunta: É comum ouvir as pessoas, independentemente da escolaridade, falarem ‘soltano’, ao invés de ‘soltando’? Esta questão envolve mais

uma vez a percepção do fenômeno variável, para saber se os alunos percebem o uso da variante em situações da fala cotidiana. Apenas o aluno P.6, novamente, revelou não ouvir. Os demais, que disseram ter ouvido, atestam a presença da variante na língua em uso, cuja escrita, embora não corresponda à ortografia, não era estranha para eles na língua falada; demonstram, assim, consciência do processo de variação quanto a essa forma linguística. Também, a esse respeito, Bortoni-Ricardo (2004, p.102) afirma que

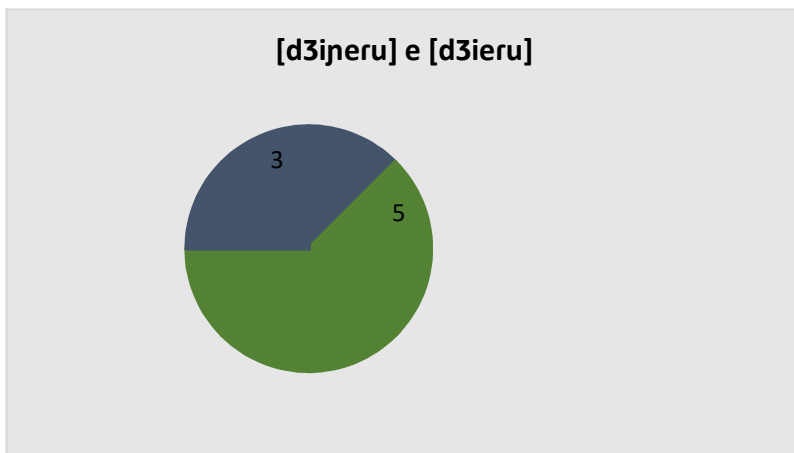
É o que acontece nas sequências /nd/ e /mb/(...) Ambos os casos configuram regras graduais muito produtivas no português brasileiro. Por isso, nós, professores de ensino fundamental, nos confrontamos muito frequentemente com “erros” que são a transposição dessas regras fonológicas para a escrita.

Verifica-se que este fenômeno é muito comum na fala cotidiana. Este tipo de avaliação coloca o aluno diante do uso real da língua. É um momento, em que, na sala de aula, deve ser aproveitado para reflexão e análise linguística.

b) Crença em relação ao próprio comportamento linguístico

Quanto à avaliação do próprio comportamento linguístico, é um importante critério de avaliação, porque leva o aluno a refletir sobre os seus usos linguísticos; sobre possíveis formas de preconceito em relação a si mesmo ou à sua variedade linguística.

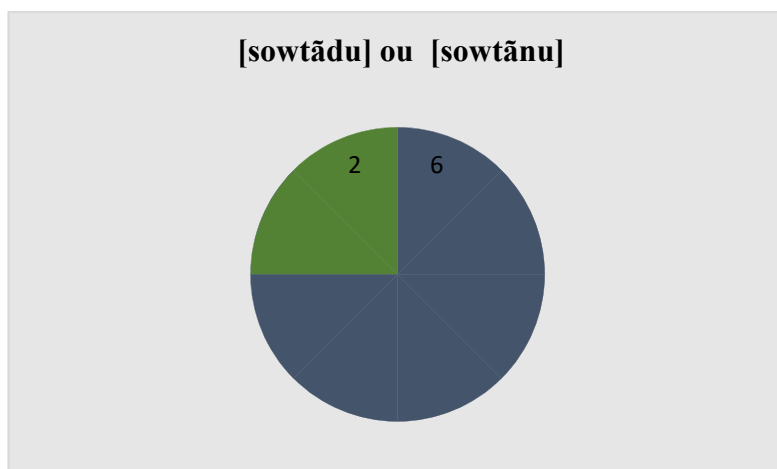
Gráfico 3- Percepção do próprio uso linguístico



Fonte: o autor

Na pergunta: Você fala /dinhêro/ ou /diêro/?- cinco alunos: P.1, P.3, P.6, P.7 e P.8 responderam ‘dinhêro’ e três, estranhamente, responderam “nenhuma”. Os alunos que ficaram com a primeira opção também confirmam as palavras anteriores de Bagno sobre a generalização da variante na fala das pessoas, em geral. Demonstram que têm percepção do próprio uso linguístico. A não escolha da opção ‘diêro’ talvez se explique por estar mais afastada da forma ortográfica ou por ter mais semelhança com formas estigmatizadas. Os que disseram “nenhuma”, provavelmente, associaram as formas com preconceito linguístico, sem atentarem para o fato de serem bastante produtivas no vernáculo brasileiro.

Gráfico 4- Percepção do próprio uso linguístico



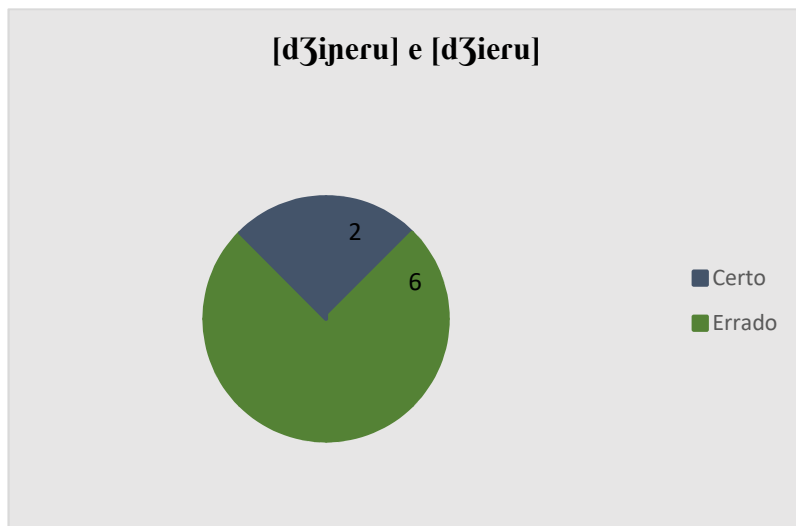
Fonte: o autor

Enquanto que na pergunta: 'Você fala: 'soltando' ou 'soltano'?', seis estudantes afirmaram falar 'soltando', evidenciando que consideram a variante estigmatizada; e mesmo que a utilizem em situações informais, não percebem ou preferem não afirmar, possivelmente, devido a questões de valoração social. Os dois que admitiram usar essa forma, (P.2) e (P.8), possivelmente veem a continuidade do traço linguístico nas diferentes variedades, e, por isso, não se importam com questões de preconceito.

c) Avaliação das formas linguísticas

Esse quesito é importante porque envolve o julgamento da própria língua, quando o falante avalia a sua própria forma de falar. Também é um momento propício de verificar como o aluno considera a questão de "erro" na fala, sob influência das prescrições da norma-padrão.

Gráfico 5- Avaliação das formas linguísticas



Fonte: o autor

Relativamente à questão: O que você acha de falar ‘dinhêro’ ou ‘diêro’?, seis alunos responderam que acham “errado”, enquanto dois: (P.3) e (P.4) consideraram o uso “certo”. Esses que acharam certo, provavelmente, assim pensaram, por entenderem que o emprego das variantes não compromete a comunicação entre os interlocutores e também por acharem que deve haver respeito às variedades, o que pode ser verificado através das respostas.

Um dos alunos, (P4), acha normal usar essas formas e (P3) responde que cada um tem o seu jeito de falar. Neste contexto, temos a classificação de Ilari e Basso (2006, p. 175 e 176), apontando para uma gramática própria da variedade, em que há uma boa comunicação, ao se referir ao “português subpadrão” ou “português sub-standard”, a variedade de português falada pela população menos escolarizada:

Por razões, tanto pedagógicas como científicas, é importante perceber que as formas e construções do português sub-*standard* fazem parte de uma variedade de língua que tem uma gramática própria, e que essa gramática permite uma comunicação muito eficaz. (ILARI e BASSO, 2006, p. 175 e 176).

Os comentários dos alunos deixam transparecer que há um entendimento sobre o fato de

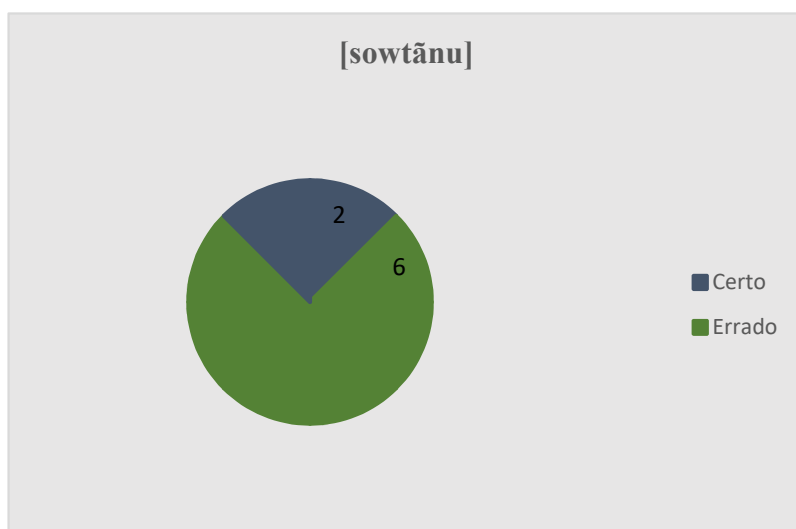
que, apesar de serem usadas variantes da palavra dinheiro, a comunicação é mantida. Ao passo que os seis que consideraram errado, pensaram apenas na ortografia, sem levar em conta a variação da língua falada. O aluno (P.7) respondeu: “Porque essas palavras não estão certas; tem uma forma certa de falar, foi o que respondeu (P.1). (P.2) respondeu: porque não é a forma correta; (P.5) respondeu: porque é informal; (P.8) disse: porque não é a forma certa de falar”.

Esses alunos ainda não compreenderam que, em termos linguísticos, não existe o falar “errado”, mas sim várias situações que vão demandar adequação do tipo de variante a ser utilizada. Uma dessas situações pode ser momentos em que não estamos sujeitos à monitoração da fala. Neste sentido, deve-se levar em conta as palavras de Bortoni-Ricardo (2004, p.73), quando afirma:

Em situações de descontração em que seus interlocutores sejam pessoas que ele ama e em que confia, o falante vai sentir-se desobrigado de proceder a uma vigilante monitoração e pode usar estilos mais coloquiais. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.73).

Entende-se que, num contexto de linguagem não monitorada, os alunos poderiam dar outra resposta. Mas, como se trata de ambiente de sala de aula, supõe-se que o aluno imagina o uso da linguagem formal.

Gráfico 6- Avaliação da forma linguística



Fonte: o autor

Nesse quesito também, em relação à pergunta: O que você acha de falar ‘soltano’?, seis alunos consideraram errado usar a variante, justificando com frases como: “porque é uma palavra

informal/ porque não é uma palavra certa (P.7)/ porque falando errado, mesmo sendo uma pequena letra pode mudar o sentido e o significado da palavra (P.1)/ depende de onde a pessoa mora” (P.3). Os mesmos alunos que afirmaram falar ‘soltando’, agora, seguindo uma certa coerência com suas opiniões, acham errado quem faz uso da variante ‘soltano’.

Assim, além de não levarem em conta fatores como a situação comunicativa ou mesmo a rapidez da fala, sem monitoração, mostram ainda não perceberem a realidade de que a fala não é o reflexo da escrita. Também uma explicação para essa atitude pode estar nas palavras de Labov quando diz que:

Quando indagadas sobre quais dentre várias formas são características de sua própria fala, as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar de prestígio ou ser a “correta”, mais do que a forma que elas realmente empregam. (LABOV, 2008, p. 248)

Desta forma, percebe-se que a avaliação que as pessoas fazem é influenciada pelos padrões sociais e pela normatização da língua, e por aquilo que é considerado prestígio na sociedade. Para combater atitudes de preconceito como essas, um estudo científico, adequadamente embasado, que leve em conta o que o aluno pensa sobre a sua própria língua, constitui-se num eficiente recurso.

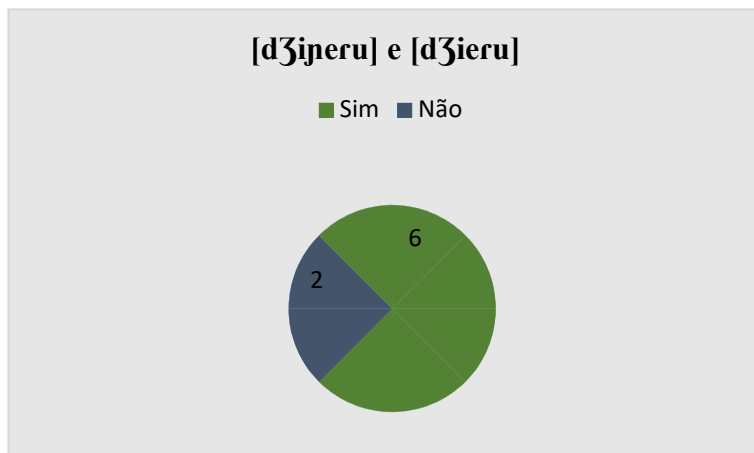
d) Percepção do aspecto regional

Este é um importante critério de mensuração de atitudes, pois, de acordo com Araújo e Mendonça (2018, p. 137)

Os estudos têm evidenciado que alguns fenômenos linguísticos variáveis são condicionados pelo fator regional, ou seja, há usos linguísticos que só ocorrem ou são mais frequentes em determinadas regiões/localidades. Sendo assim, identificar se os estudantes percebem alguma relação entre o uso das formas pronominais focalizadas neste trabalho e o aspecto regional é de suma importância para entender o processo de variação linguística. (...). (ARAÚJO e MENDONÇA, 2018, p. 137).

Por esse motivo, é importante investigar se os alunos atribuem o uso dessas variantes a fatores regionais; deixando de perceber a continuidade dos traços na língua portuguesa, independente da região do país.

Gráfico 7- Percepção do aspecto regional



Fonte: o autor

Quanto à pergunta: Você acha que a utilização das palavras ‘dinhêro’ ou ‘diêro’ depende da região onde a pessoa mora? seis alunos responderam afirmativamente, demonstrando, assim, que não perceberam a generalização dessas formas, fato que pode ser atestado nos veículos de comunicação em nível nacional, em que é muito comum aparecerem essas variantes, até mesmo em telejornais.

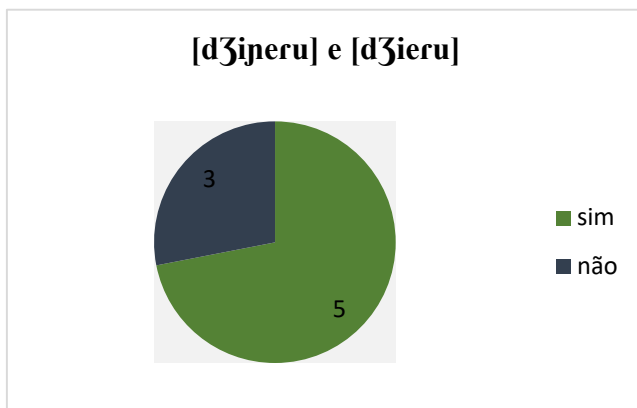
Dentre os dois que responderam negativamente, o estudante (P.6) explicou que “isso é um jeito que as pessoas falam informalmente”, talvez considerando que, em situações informais, aparecem traços fonológicos característicos da fala não monitorada. O estudante (P.4), que respondeu “não”, apresentou uma resposta contraditória para o que respondeu: “porque em cada região tem seu jeito de falar”.

Neste quesito, não houve uma pergunta sobre a forma ‘soltanu’, quanto à regionalidade, visto que, conforme apontado por estudos, um dos fatores para o apagamento é a velocidade de fala adotada pelos falantes; por isto, foi considerada suficiente para captação da percepção dos alunos, no aspecto regional, apenas uma pergunta.

e) Percepção do fator escolaridade

Este é um importante critério extralinguístico de avaliação, porque investiga se o aluno relaciona o fenômeno da variação ao fator escolaridade.

Gráfico 8- Percepção do fator escolaridade

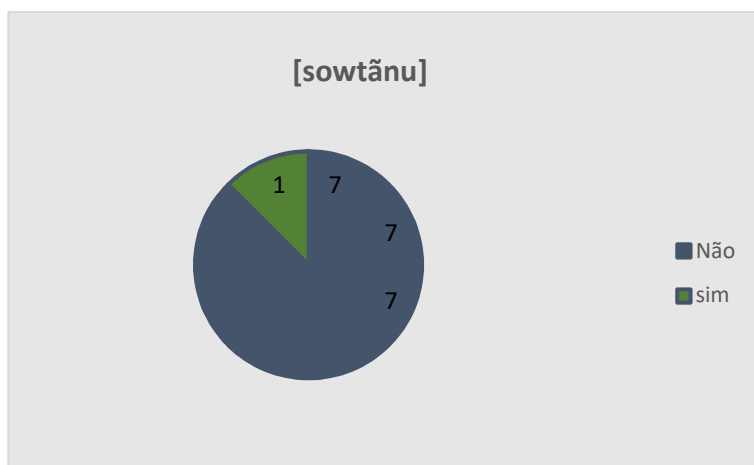


Fonte: o autor

Na quinta pergunta: Você acha que o uso das formas *dinhêro/* ou */diêro/* tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?, cinco alunos responderam “sim”, demonstrando, com isso, que ainda não perceberam que, quando se trata de variação linguística, existe um contínuo de urbanização e que, nesse contínuo, não existe limite de fronteiras entre as variedades, conforme exposto por Bortoni-Ricardo (2004, p.53): “No contínuo de urbanização não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos ou urbanos”. Fica implícito, através das respostas como: “a maioria não tem estudos”, apresentada por quatro informantes, que o uso dessas formas está relacionado com variedades desprestigiadas.

Três estudantes optaram pelo “não”- (P.1), (P.4) e (P.7), justificando que as diferenças são determinadas pela região, sem interferência do fator escolaridade. Esses alunos, ao associarem a ocorrência com o fator região, também deixam de perceber que o fenômeno pode ocorrer, independente da região do país em que a pessoa esteja localizada.

Gráfico 9 – Percepção do fator escolaridade



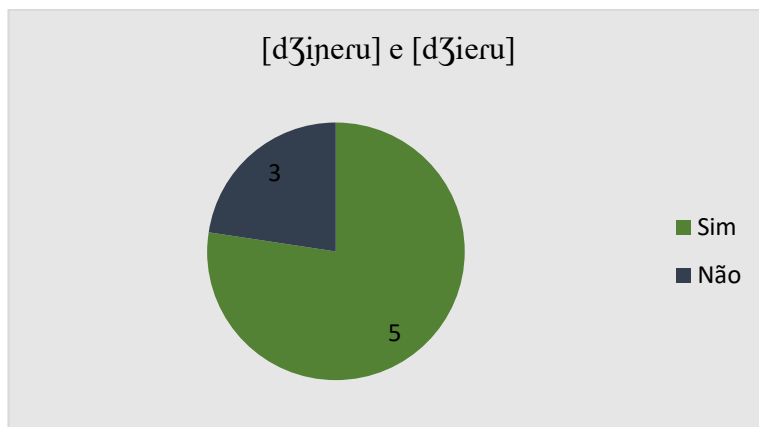
Fonte; o autor

E na questão: Você acha que o uso de ‘soltano’ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?, sete estudantes responderam não, dentre os quais, apenas um apresentou uma resposta coerente (P.8): “porque mesmo pessoas com alta escolaridade costumam falar assim”, os outros apresentaram outras respostas, como: “porque alguns alunos não conseguem acompanhar”, (P.7) e (P.1): “muitas pessoas não sabem a diferença entre soltando e ‘soltanu’ ”.

f) Percepção do preconceito linguístico

A avaliação da atitude do aluno, segundo o critério do preconceito linguístico, é importante porque observa se o aluno já desenvolveu uma consciência crítica em relação às variedades, entendendo que a língua é heterogênea e varia em função de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Gráfico 10- Percepção do preconceito linguístico



Fonte: o autor

A pergunta: Na sua opinião, as pessoas que falam ‘dinhêro’ ou ‘diêro’ sofrem preconceito?, cinco - (P.1), (P.2), (P.3), (P.7) e (P.8) - responderam “sim”, incluindo em suas respostas frases como: “porque muita gente acha engraçado/ outras pessoas que falam diferente tem preconceito com o falar dos outros/ porque tem pessoas que não entendem que é o modo de falar”. Demonstrando falta de percepção do fenômeno, como traço gradual da língua portuguesa; talvez achando que essas formas são características de variedades desprestigiadas e desconhecendo que esses chamados ‘erros’ são, na verdade, de acordo com Faraco (2008, p.48) características do português brasileiro.

Há aqui, sem sombra de dúvida, um sério (e secular) equívoco de análise da realidade linguística do nosso país: o que se chama de ‘erros’ comuns- por serem justamente ‘erros’ de todos constituem, na verdade, características definidoras do português brasileiro urbano comum. (FARACO, 2008, p.48)

Dentre os três que responderam “não”, as respostas foram: “porque as pessoas falam de seu jeito, (P.4) / porque já se popularizou na cidade, (P.6) / porque cada um fala errado sem perceber” (P.5). Através dessas respostas, pode-se deduzir que uma parte dos alunos percebe a presença dessas formas linguísticas ao longo do contínuo de urbanização.

Gráfico 11- Percepção do preconceito linguístico



Fonte: o autor

Quanto à avaliação da forma ‘soltano’, a pergunta: “Na sua opinião, as pessoas que falam ‘soltano’ sofrem preconceito?”, quatro estudantes responderam ‘sim’- (P.1), (P.2), (P.3) e (P.8). Os demais responderam ‘não’. Os que responderam negativamente, com respostas como “talvez a pessoa não tem um nível de escolaridade- (P.6) “porque soltando e /**soltano**/ tem o mesmo sentido”- (P.4), demonstram conhecer o princípio de que, em linguagem, o importante é que haja a comunicação entre as pessoas. Já os que responderam “sim”, apresentaram justificativas compatíveis com o julgamento sobre as variantes estigmatizadas: “porque uma pessoa que fala /soltano/, falando com uma pessoa da cidade grande seria julgada pelo seu modo de falar- (P.1)/ Não por pessoas da mesma região, mas por pessoas de outras regiões- (P.8)/ Porque a pessoas começam a rir”- (P.3); revelam, desta forma, que não percebem a variante como um traço gradual no contínuo de urbanização.

4 INTERVENÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO

Para a execução deste trabalho, foi realizada uma pesquisa-ação, que é aquela em que o pesquisador procura agir na realidade estudada, intervindo, através de estratégias, em cooperação com os participantes, a fim de buscar possíveis soluções para o problema levantado. É o que fica evidenciado nas palavras de Taquete (2020, p.53)

Pesquisa-ação é uma pesquisa de campo em que o investigador se envolve diretamente com o objeto de estudo para que ocorra uma mudança no meio. Ele identifica um problema, cria um plano de intervenção e depois analisa as alterações que ocorreram a partir do seu projeto. (TAQUETE, 2020, p.53)

A intervenção pedagógica foi realizada por meio do próprio professor regente de sala, por meio de oficinas, que são um importante instrumento de apoio didático e pedagógico a fim de levar o aluno, de forma descontraída e interativa, a refletir sobre o fenômeno da variação linguística, através de atividades pedagógicas, envolvendo leitura, compreensão, produção e análise sobre os usos da língua, no contexto da variação linguística. O objetivo geral desta intervenção é apresentar uma proposta de trabalho, com base nos traços graduais, após a constatação da dificuldade do aluno em perceber a variação que ocorre na fala não monitorada, independente da variedade.

As seis oficinas constantes nesta proposta de intervenção foram realizadas com todos os alunos presentes em sala de aula, após a avaliação diagnóstica. Entretanto, em função da proximidade do encerramento do período regular das aulas e o cronograma para concluir esta pesquisa, houve prejuízo na disponibilidade de tempo reservado para as oficinas, por isto, algumas vezes, foi necessário suprimir algumas atividades ou encaixar em algum momento livre, antes das avaliações.

As habilidades da BNCC trabalhadas são as seguintes:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

OFICINA 1: Variação linguística: um fenômeno natural da língua

Objetivo: Compreender que a variação é uma propriedade inerente a todas as línguas.

Duração: Duas aulas de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, caneta, caderno.

Metodologia:

Os alunos realizam leitura de poemas e de letra de música, como introdução ao estudo da variação linguística. Em seguida fazem comentários em uma roda de conversa sobre o tema.

O assunto variação linguística não era algo novo para os alunos, pois, sistematicamente, é abordado em sala de aula, uma vez que faz parte da matriz curricular da rede municipal de ensino, no componente Análise Linguística. Por isto, os alunos manifestaram bastante interesse em participar nesta atividade e expressarem as suas opiniões. Para motivar o debate, foram formuladas três perguntas para todos refletirem sobre o tema.

Pergunta 1: As línguas são homogêneas, ou seja, existe uma só forma de falar?

As respostas eram como se segue: “Existem várias formas de falar/ Em cada estado as pessoas falam diferente/ Cada um tem o seu jeito de falar”. Houve uma grande participação dos alunos, porque este assunto era frequente nas aulas, independente do conteúdo trabalhado, como também, porque tocava em um assunto que se relacionava com os comentários, muitas vezes ofensivos entre alunos, exigindo a intervenção do professor.

Pergunta 2: Existem formas de falar que são superiores às outras?

Os alunos que haviam residido fora do estado por algum tempo, falaram que foram discriminados pelo uso de algumas variantes; e uma aluna originária do sul do país confirmou que muitas palavras têm significados diferentes, atestando a variação regional.

Pergunta 3: As variedades que se diferenciam da variedade considerada padrão devem ser vistas como imperfeitas, incorretas e inadequadas?

Houve respostas como: “Eu estranho algumas expressões da nossa colega, ela fala diferente/ Tem palavras que aqui têm outro nome, diferente do lugar onde eu morava”; mas na questão de serem apropriadas ou imperfeitas não comentaram, preferiram respeitar.

Através dos comentários dos alunos, ficou evidenciado que compreenderam que a variação faz parte de toda língua e que as variedades devem ser respeitadas, independentemente do valor que recebe na sociedade. No final dessa oficina, os alunos se expressaram oralmente, resumindo o que haviam aprendido naquelas atividades. Os comentários envolveram, principalmente, questões de preconceito linguístico, citando exemplos ocorridos com eles.

Nesta turma, em particular, o tema da variação linguística é frequentemente trazido à tona, em virtude de uma aluna falar com sotaque diferente dos demais alunos, por ser nascida em cidade do sul do país. Existe uma comparação entre as formas de falar e é comum comportamentos de riso dos alunos pela fala dos colegas que se afastam das formas determinadas pela norma-padrão, ao se expressarem; como também o desprezo por certas variantes utilizadas por alguns.

Atitudes como essas motivaram o professor a fazer alguns comentários sobre a importância do respeito às variedades linguísticas, explicando sobre o perigo de incorrer no preconceito em relação à língua.



Imagem 3 - Momento de roda de conversa para discussão do tema da variação linguística

OFICINA 2- Na língua falada não existe erro e sim adequação.

Objetivo: Levar o aluno a perceber que a língua não é uniforme, mas variável e expressa de diversas maneiras.

Duração: Duas aulas de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, caneta, caderno

Metodologia:

Primeira aula: Os alunos analisam um diálogo e uma tirinha sobre situações comunicativas e, em seguida, respondem questões envolvendo adequação linguística, nos dois gêneros.

A fim de conduzir à reflexão a respeito da adequação linguística, os alunos observaram duas situações de comunicação: primeiro, leram um diálogo entre dois colegas de trabalho, que não se conhecem no início e, por isso, a gerente utiliza uma linguagem cerimoniosa, só alterando a

variedade linguística depois que descobre de quem se trata. Em seguida, leram uma tirinha de Calvin, envolvendo um problema de comunicação.

Através dessas imagens, os alunos perceberam que a comunicação fica comprometida quando o falante não compreende a variante utilizada pelo interlocutor. Em outra aula, observaram a letra da canção “com que roupa” de Noel Rosa. Por meio da leitura dessa canção, os alunos perceberam que a língua é como uma vestimenta, que você adequa de acordo com a circunstância.

No final, os alunos perceberam que a língua não é uniforme, pelo contrário, ela varia de acordo com o interlocutor, o ambiente e a intencionalidade, podendo transitar de uma linguagem coloquial para uma mais formal, dependendo da situação comunicativa.



Imagem 4 - Alunos assistindo à projeção de imagens, na oficina 2

OFICINA 3: Dois sons que se transformam em um só (Monotongação)

Objetivo: Compreender que existe a monotongação na língua portuguesa e que este é um fenômeno característico da variação linguística.

Duração: Três aulas de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, caneta, caderno

Metodologia: Os alunos identificam ditongos e observam a transformação de ditongos em monotongos, na língua escrita e falada, observando palavras soltas e um poema da literatura popular.

Nesta etapa, os alunos, inicialmente, revisaram o que é ditongo; em seguida, ditongo crescente e decrescente. Depois analisaram os casos de monotongação na fala. Durante este momento da oficina, os alunos realizaram exercícios, identificando os encontros vocálicos em que as letras i ou u poderiam ser suprimidas, na fala, sem alteração de sentido. Esta tarefa constituiu-se num momento de percepção da variação das formas linguísticas, em que há monotongação. Os alunos se envolveram muito neste trabalho, uma vez que se tratava de atividade diferente das que já tinham realizado, concernente à análise linguística e variação.

Em seguida, aconteceu a leitura do poema *A morte de Nanã* de Patativa do Assaré, em que foi apresentado o poema para observação da monotongação. Nessa etapa, o trabalho aconteceu exclusivamente na modalidade escrita. As palavras destacadas do poema foram *bejava* e *fejão*. Os alunos observaram, através da monotongação, na escrita, na variedade em que o poema foi escrito, que o fenômeno da monotongação também é muito comum na modalidade falada. Acharam muito interessante a linguagem utilizada pelo poeta e se identificaram no uso de muitas formas linguísticas.

Logo após, foi o momento em que os alunos foram colocados diante das duas formas de algumas palavras em que havia o encontro vocálico ei, para identificarem o ambiente fonético em que a semivogal i era suprimida na fala. Eles conseguiram reconhecer em que situações havia a monotongação na fala. Abaixo, uma atividade de aluno realizada em sala de aula, sobre esta oficina.

Dois Sons Que Se Transformam Num Só - Monotongação

PRIMEIRA ETAPA

O ditongo

O ditongo é o encontro de uma vogal + uma semivogal (i e u) ou de uma semivogal + uma vogal na mesma sílaba. De posse dessa informação, indique o ditongo nas palavras a seguir, se houver:

A. Água B. Saudade C. Ontem D. Sol E. Saúde

I- Sabemos que os ditongos são classificados em: crescente (semivogal +vogal) e decrescentes (vogal + semivogal). Com base nessa informação, classifique os ditongos a seguir em crescente e decrescente:

A. Ameixa (D) B. Pai (D) C. Água (C) D. Sequência (C)

E. Não (D)

II- O ditongo decrescente pode ser o ambiente em que a semivogal pode deixar de ser pronunciada na fala, sem mudar o sentido, a exemplo de deixar, que pode ser falado como e. Em quais palavras isso pode ocorrer?

a) Nos ditongos “ai”:

A. Baixo B. Paira C. Caixa D. Bairro E. Faixa

b) Nos ditongos “ei”:

A. Peixe B. Cadeira C. Meiga D. Papeis E. Leite

c. Nos ditongos “ou”:

A. Ouro B. Couro C. Besouro D. Outro

E. Calouro

SEGUNDA ETAPA

-Leitura de poema.

A MORTE DE NANÃ

Patativa do Assaré

Eu vou contá uma históra
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô do meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença
De quem perdeu na isistência
O que mais amou na vida.

Já tou véio, acabrunhado,
Mas inriba deste chão,
Fui o mais afurtunado
De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma quirida fia,

Porém morreu muito nova.

Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

Morreu na sua inocença
Aquele anjo incantadô,
Que foi na sua isistença,
A cura da minha dô
E a vida do meu vivê.
Eu **bejava**, com prazê,
Todo dia, demenhã,
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã.

Nanã tinha mais primô
De que as mais bonita jóia,
Mais linda do que as fulô
De um tá de Jardim de Tróia
Que fala o dotô Conrado.
Seu cabelo cachiado,
Preto da cô de viludo.
Nanã era meu tesôro,
Meu diamante, meu ôro,
Meu anjo, meu céu, meu tudo.

Pelo terrêro corria,
Sempre sirrindo e cantando,

Era lutrida e sadia,
 Pois, mesmo se alimentando
 Com **feijão**, mio e farinha,
 Era gorda, bem gordinha
 Minha querida Nanã,
 Tão gorda que reluzia.
 O seu corpo parecia
 Uma banana-maçã. (...)

a) Escreva as palavras destacadas de acordo com a ortografia.

R-Beijava, feijão

b) O que você observou em relação a estas palavras no poema?

R-A letra I não foi usada.

c) Que pronúncia é mais comum na fala das pessoas de modo geral? Com o apagamento ou com a presença da semivogal (i)?

R-Com o apagamento.

A etapa seguinte foi a comparação entre língua escrita e língua falada, a fim de que os alunos verificassem em que ambiente fonético a letra i era apagada na fala.

Comparação entre a Língua Escrita e a Língua Falada

Língua escrita	Língua falada
beijo	beijo
beijo	bêjo
brasileiro	brasilêro
cheiro	chêro
deixa	dêxa
jeito	jeito
leigo	leigo
peito	peito
peixe	pêxe
primeiro	primêro
queijo	quêjo
queixo	quêxo
seiva	seiva

Fonte : A Língua de Eulália-Novela Sociolinguística. pg.88.

a) Em que situações o ditongo **ei** deixa de ser ditongo e se transforma na vogal **e**, com timbre fechado?

R-Antes do J e antes do X.

b) Na língua falada, que forma é mais comum: com o ditongo **ei** ou com a monotongação (dois sons que se transformam num só)?

R- É mais comum com E

Oficina 4: O apagamento do /d/ em gerúndio, na fala das pessoas (Assimilação)

Objetivo: Compreender o processo fonológico da assimilação e perceber como exemplo de variação da língua falada.

Duração: Uma aula de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, caneta, caderno

Metodologia: O professor faz uma exposição do processo de assimilação, em seguida, os alunos responderão se costumam falar ou ouvir pessoas falando nessas formas.

Esta oficina enfoca o processo de assimilação, um fenômeno comum na fala das pessoas, cuja origem está na formação da língua portuguesa. A atividade solicitada aos alunos foi a escrita de palavras no gerúndio, com o apagamento da letra **d**, para verificarem se era comum a fala com essa transcrição.

Exemplo de atividade respondida por aluno, na quarta oficina.

O APAGAMENTO DO /D/ EM GERÚNDIO NO FALAR

Vejamos uma análise da pesquisadora Stella Maris Bortoni:

“Ainda falando das tendências naturais da língua e suas consequências no ensino da língua escrita, temos de nos lembrar de dois casos de assimilação. Dizemos que há assimilação quando, numa sequência de sons homo-orgânicos ou parecidos, um deles assimila o outro, que desaparece.

É o que acontece nas sequências /nd/ e /mb/. A primeira /nd/ é formada por duas consoantes alveolares e ocorre principalmente nos gerúndios:

Falando > falanu

Vindo > vinu

Comendo > comenu

Mas pode ocorrer assimilação em outras classes de palavras, como em quando > quanu
A sequência /mb/ é formada por suas consoantes bilabiais e ocorre em também > tamém”

BORTONI-RICARDO (2004, p. 102)

Você observa que a ocorrência em que houve mais apagamento da letra d na fala das pessoas é no gerúndio. Agora, vamos ver 6 verbos no gerúndio terminados em ando.

Andando/avançando/abençoando/terminando/soltando/visitando

Agora veja essas mesmas palavras com o d apagado.

R_ Andano/avançano/abençoano/terminano/soltano/visitano

b-Você costuma falar ou ouvir pessoas falando nessas formas?

R- Sim.

Após observarem as palavras com as seguintes formas: /andano/, /avançano/, /abençoano/, /terminano/, /soltano/ e /visitano/, os alunos responderam que falam ou escutam frequentemente as palavras com essas formas. Desta forma, pode-se dizer que a oficina foi muito proveitosa, pois os alunos avançaram nas suas descobertas em perceber que existe uma generalização do fenômeno de apagamento do d, principalmente em gerúndios, na língua falada.

Oficina 5: A língua varia ao longo de um contínuo

Objetivos: -Identificar a monotongação e a assimilação, na língua falada.

-Perceber o fenômeno da variação linguística, ao longo do contínuo de urbanização.

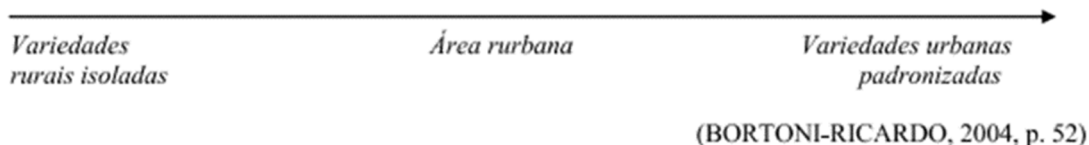
Duração: Duas aulas de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, lápis, caderno.

Metodologia:

Primeira aula: Exposição do conteúdo: Contínuo de urbanização



Nesta etapa, foi comentado com os alunos que a língua sofre variação, ao longo de um contínuo, em todas as variedades. Os alunos observaram, através da linha contínua, que a variação está presente na fala das pessoas, independente de escolaridade ou nível social.

Em seguida, houve apresentação de vídeos de uma pessoa de variedades estigmatizadas (uma lavadeira) e de três pessoas de variedades prestigiadas, piauienses, portadoras de curso superior e famosas no Brasil, por sua atuação (um humorista, um cantor e uma atleta). Esta etapa foi caracterizada pela observação dos fenômenos da monotongação e da assimilação, na fala de pessoas, a fim de que os alunos percebessem a variação, ao longo de um contínuo. A fala de uma lavadeira, pouco escolarizada, representou as variedades estigmatizadas e algumas pessoas famosas, da cultura piauiense, representando as variedades prestigiadas. Os alunos foram orientados a observar como os entrevistados falavam as palavras dinheiro, brincadeira e treinando. Muitos perceberam que usaram as formas linguísticas: /diêro/, /brincadera/ e /treinano/.

No final, após assistirem aos vídeos, comentaram que perceberam o uso das variantes, tanto nas variedades prestigiadas, usadas pelos famosos, como nas variedades estigmatizadas, na fala da lavadeira. Os alunos tiveram dificuldade de perceber estes fenômenos, porque não são de fácil percepção na fala das pessoas, de um modo geral, devido ao fato do contexto fonético ser o responsável pela variação; e não apenas questões de escolha linguística, uma vez que esses fenômenos são evitados apenas por pessoas altamente escolarizadas e em situações de monitoramento linguístico.

Oficina 6: Demonstrando o que aprenderam sobre a variação linguística

Objetivo: Perceber que, à luz dos estudos sociolinguísticos, as avaliações e juízos de valor, concernentes às variedades linguísticas são de natureza social, ou seja, que todas as variedades devem ser respeitadas.

Duração: uma aula de 50 minutos

Espaço: pátio da escola

Recursos: microfone e caixa de som.

Metodologia:

- Culminância das oficinas com dramatização de uma situação de comunicação em que pessoas de variedades populares e prestigiadas usam as mesmas variantes.

Este foi o momento de culminância das oficinas, com dramatização de uma situação em que pessoas de variedades populares e prestigiadas usam as mesmas variantes. Os alunos apresentaram um texto para retratar as variedades linguísticas, utilizando as variantes que foram estudadas em sala de aula. Um mesmo aluno representou dois papéis diferentes: um, atuando como jornalista e outro, como uma pessoa desempregada, na sala de entrevista. Como jornalista, caprichava na polidez da fala, esnobando domínio da norma-padrão, mas usando diversas palavras com a monotongação, como *diêro*, *buêro*, *pedrêro*, *merendêra*. E a assimilação da letra **d** em palavras como *saltano*, *mudano*, *brincano*.

Enquanto, no outro papel, como pessoa de pouca escolaridade, o mesmo aluno usava uma variedade estigmatizada, empregando, de forma enfática, as mesmas palavras que utilizara na condição de jornalista, a fim de que fosse avaliado se as pessoas conseguiram notar que o ator, tanto na variedade de prestígio, como na estigmatizada, fizera uso das mesmas variantes.

A entrevistadora, que foi arrogante e soberba durante a entrevista, exemplifica uma pessoa que subjuga os outros pela fala, menosprezando falantes de variedades estigmatizadas. Os alunos da própria turma foram orientados a deixarem os outros alunos de outras turmas falarem sobre o que acharam da peça apresentada, a dizerem o que para eles se destacou nos diálogos.

Três alunos que estavam assistindo disseram ter percebido a variação na fala do candidato ao emprego, mas não perceberam o uso das variantes pelo jornalista; o que demonstra que foram influenciados pelos padrões de valorização social em relação às variedades linguísticas, que atribui a algumas, prestígio e a outras, estigma e preconceito.

Os alunos da turma pesquisada perceberam a repetição das variantes, independente da alteração de personagens. Assim, pode-se dizer que o objetivo dessa oficina, como também das demais, foi alcançado, porque ficou evidenciado que os alunos da turma pesquisada entenderam que a língua sofre variação e que esta variação ocorre ao longo de um contínuo, ao passo que os alunos de outras turmas, que não conheciam o fenômeno, foram influenciados pela questão social,

no julgamento. Abaixo, a dramatização de uma situação de entrevista de emprego, em que o candidato está sendo julgado pela variedade linguística utilizada.



Imagem 5- Momento de dramatização, na culminância da intervenção, representando o que os alunos aprenderam nas oficinas.

Considerações finais

Pesquisas na área sociolinguística, com o objetivo de conhecer a atitude do usuário da língua em relação à língua falada sempre serão proveitosas, em virtude de se conhecer avaliações e julgamentos do falante a respeito da própria língua. Esses julgamentos, muitas vezes, vêm carregados de preconceitos e discriminações, por falta de consistente conhecimento científico acerca de assuntos sociolinguísticos.

Muito mais proveitoso se torna, ainda, quando esses estudos são transportados para o ambiente da sala de aula; visto que é na formação escolar que o/a estudante vai desenvolver a consciência crítica, e exercitar a reflexão com base em dados científicos. Neste contexto, se reveste de grande importância o estudo da variação linguística, em sala de aula, de forma sistemática, ancorado por achados teóricos, como forma de contribuir na eliminação de atitudes negativas em relação à língua, que é fruto de desconhecimento da realidade linguística, quanto à diversidade das formas de falar.

Neste particular, pode-se dizer que foi confirmada a hipótese levantada para este trabalho, que é: “a ausência de conhecimentos sociolinguísticos, sobretudo da variação linguística ao longo do contínuo de urbanização, contribui para o desenvolvimento de atitudes relacionadas ao preconceito, tendo como uma de suas manifestações a discriminação em relação a usos da fala, que se afastam das variedades prestigiadas”. Uma vez que a análise dos questionários e as atitudes dos alunos, antes da realização das oficinas demonstram que os alunos manifestam atitudes de discriminação e preconceito linguístico, quando desconhecem a realidade da presença de variantes ao longo do contínuo, usadas por falantes, independente da variedade linguística.

Comportamentos e atitudes de estigmatização em relação a variedades linguísticas tornam-se bem evidentes no dia a dia, considerando que existe em nossa sociedade, com repercussões no contexto escolar, uma forte resistência em atribuir valor a variedades linguísticas desprestigiadas; manifestando-se na forma de atitudes de preconceito ou de intensa valorização de variedades de prestígio. Esse comportamento geralmente leva à intolerância, gerando problemas de interação no meio dos alunos ou entre alunos e professores, fazendo com que a sala de aula venha a tornar-se local de exclusão social. Situação provocada por não se encarar o estudo autêntico da realidade linguística.

Quando a variação linguística é abordada, com a intenção de realizar o estudo da língua em seu uso real, avançando para as formas empregadas por todos os falantes, incluindo aqueles considerados altamente letrados, constata-se que a valorização que é atribuída às normas de prestígio é de natureza puramente social, sem alguma relação com qualidades intrínsecas à língua. Pessoas tanto de variedades populares como de variedades cultas podem utilizar as mesmas variantes; porque este fato tem sua explicação no contínuo de urbanização. E, à luz desta reflexão, pode-se dizer que este trabalho atingiu o seu objetivo de apresentar os traços graduais da língua portuguesa, no sentido de promover o conhecimento do aluno, em relação aos fenômenos da variação. Os alunos compreenderam que a língua varia e que a avaliação, em termos linguísticos, é influenciada por fatores sociais. E as variedades decorrentes desse processo sofrem estigma ou prestígio, dependendo do prestígio ou estigma associado ao falante da variedade.

Pode ser constatado que pesquisas dessa natureza, envolvendo a análise do comportamento do falante em relação à língua, conduz a uma abordagem mais ampla a respeito do fenômeno da variação, visto que é nessa dimensão que se formam os julgamentos, os preconceitos, as crenças e atitudes. E também pode-se afirmar que, quando a escola e professores utilizam os conhecimentos científicos concernentes à heterogeneidade linguística, especialmente sobre os contínuos da variação, estará contribuindo para a formação sociolinguística do aluno.

No sentido de alcançar essa formação, foram estabelecidos objetivos específicos, como: compreender que a língua é constituída por variação; perceber que essa variação não é uniforme; estimular o pensamento e a reflexão crítica concernente a opiniões, avaliações e julgamentos no campo da linguagem. No final, ficou evidenciado, pelo desempenho dos alunos nas atividades, que esses objetivos foram alcançados, pois os alunos participaram, comentaram e produziram ao longo das oficinas, sempre avançando no entendimento do processo da variação ao longo do contínuo de urbanização.

Desta forma, estudos dessa natureza, que levam a reflexão linguística para a sala de aula, como sugerido pelas propostas da Pedagogia da Variação Linguística, sempre produzirão resultados proveitosos, em virtude do embasamento nas atuais pesquisas sociolinguísticas, que refletem a descrição dos usos linguísticos, em situações de uso real da língua; e, conseqüentemente, pelo papel que desempenham na diminuição da discriminação em questões ligadas à língua; uma vez que sempre visa apresentar a realidade dos fenômenos linguísticos, à luz das pesquisas mais

recentes na área, para contribuir no desenvolvimento de atitudes positivas do aluno, com relação à diversidade da língua, que existe no ambiente social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.N.S; OLIVEIRA, A.J. Você fala cantano? Uma análise do apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió-AL. **Revista digital do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre,. v.10, n.1, 2019.
- ARAÚJO; MENDONÇA. **Atitudes linguísticas de universitários em relação às formas pronominais a gente e tu**. Rev. Taboleiro de Letras (PPGEL, Salvador. on-line. v.12; n.03, dezembro de 2018)
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico; o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variaçãolinguística**. São Paulo, Parábola editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Objeto língua**. São Paulo: Parábola, 2019.
- BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2020.
- BORTONI-RICARDO, S.M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola e agora? sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Linguagens - Língua Portuguesa Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALVET, L-J. **Sociolinguística, uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CYRANKA, L.F.M. **Atitudes Linguísticas de Alunos de Escolas Públicas de Juiz de Fora – MG**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Niterói: Instituto de Letras, UFF, 2007.
- CYRANKA, L. A pedagogia da variação linguística é possível? In: Zilles e Faraco (org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- DE PAULA, A.S. O trabalho de campo sociolinguístico. In: COSTA, J.F. SANTOS, R.L.A e VITÓRIO, E.G.S.L.A. **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desfazendo alguns nós**. São Paulo: Parábola,2008.

- ILLARI, R. **O português da gente - a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FIORIN, J.L. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2019.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LAMBERT, W.W.; LAMBERT, W.E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1966.
- MARQUES, T.M. **Pedagogia da Variação Linguística: por um ensino livre preconceitos linguísticos**. Tese de Doutorado (Estudos da Linguagem). Londrina: UEL, 2019.
- MARTINS, M.A.; VIEIRA, S.R; TAVARES, M.A. (orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021
- MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001
- SILVA, A.C.N. **Variação linguística na perspectiva sociolinguística: uma proposta para o ensino fundamental**. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Assu, UFRN, 2018.
- OLIVEIRA, A.C. **Trabalhando a autoestima linguística na EJA: um trabalho à luz da pedagogia da variação linguística**. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- SOUSA, R.C. H. & PEDROSA, J.R.L. Pesquisa sociolinguística sobre a monotongação na fala do pessoense e aplicação dos resultados ao ensino da Língua Portuguesa. **Letras em Revista**, Teresina, v. 12, n. 01, jan./jun. 2021.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1985.
- TAQUETTE, S.R. **Pesquisa para todos**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- VITÓRIO, E.G.S.L.A. Variação linguística e ensino: crenças e atitudes linguísticas. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 20/3, p. 118-146, dez. 2017.
- ZILLES, A.M. S.; FARACO, C.A.(orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ANEXOS



O presente trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber a sua opinião a respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). A sua participação é importante. Você terá a oportunidade de refletir sobre a sua língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e principalmente estimular seu espírito de pesquisador cientista.

Aluno:

Código: P1

Questionário

1. É comum as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) Sim () Não

2. Você fala /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) dinhêro. () diêro. () nenhuma?

3. O que você acha de falar /dinhêro/ ou /diêro/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Tem uma forma certa de falar.

4. Você acha que a utilização dessas formas depende da região onde a pessoa mora?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque em cada região, tem uma forma de falar, principalmente pessoas mais de idade.

5. Você acha que o uso dessas palavras tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque se uma pessoa da cidade grande se juntar com uma outra pessoa do interior estando no mesmo ambiente, na mesma serie, verão diferença na forma de falar, então não tem a ver com escolaridade.

6.Em sua opinião, as pessoas que falam /dinhêro/ ou diêro/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê?

7.É comum ouvir as pessoas, independente da escolaridade, falarem /soltano/ ao invés de soltando?

(x) Sim. () Não.

8.Você fala.

(x) soltando. () soltano.

9.O que você acha de falar /soltano/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Porque falando errado mesmo sendo uma pequena letra, pode mudar o sentido e o significado da palavra.

10.Você acha que o uso de /soltano/ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Muitas pessoas não sabem a diferença de soltano e soltando.

11.Em sua opinião, as pessoas que falam /soltano/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque uma pessoa que fala soltano, fala como uma pessoa da cidade grande, ela será julgada pelo seu jeito falar.

O presente trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber a sua opinião a respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). A sua participação é importante. Você terá a oportunidade de refletir sobre a sua língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e principalmente estimular seu espírito de pesquisador cientista.

Aluno:

Código: P2

Questionário

1. É comum as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) Sim () Não

2. Você fala /dinhêro/ ou /diêro/?

() /dinhêro/. () /diêro/. (x) nenhuma?

3. O que você acha de falar /dinhêro/ ou /diêro/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Porque não é a forma certa de falar.

4. Você acha que a utilização dessas formas depende da região onde a pessoa mora?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque tem diferentes regiões e povos.

5. Você acha que o uso dessas palavras tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque algumas delas não teve a oportunidade de estudar.

6. Em sua opinião, as pessoas que falam /dinhêro/ ou /diêro/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque tem pessoas que não entendem que é o modo dela falar.

7. É comum ouvir as pessoas, independente da escolaridade, falarem /soltano/ ao invés de soltando?

(x) Sim. () Não.

8.Você fala.

(x) soltando. () /soltano/.

9.O que você acha de falar /soltano/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Porque sim.

10.Você acha que o uso de /soltano/ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Pois podemos as vezes errar corriqueiramente.

11.Em sua opinião, as pessoas que falam /soltano/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque as pessoas começa rir



O presente trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber a sua opinião a respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). A sua participação é importante. Você terá a oportunidade de refletir sobre a sua língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e principalmente estimular seu espírito de pesquisador cientista.

Aluno:

Código: P3

Questionário

1. É comum as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) Sim () Não

2. Você fala /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) /dinhêro/. () /diêro/. () nenhuma?

3. O que você acha de falar /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) Certo. () Errado.

Por quê? Cada um tem o seu jeito de falar.

4. Você acha que a utilização dessas formas depende da região onde a pessoa mora?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Vare-a de lugar.

5. Você acha que o uso dessas palavras tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

(x) Sim. () Não.

Por quê? As vezes.

6. Em sua opinião, as pessoas que falam /dinhêro/ ou /diêro/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Por causa do seu modo de falar.

7. É comum ouvir as pessoas, independente da escolaridade, falarem /soltano/ ao invés de soltando?

(x) Sim. () Não.

8. Você fala.

(x) soltando. () /soltano/.

9. O que você acha de falar /soltano/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Depende de onde a pessoa mora.

10. Você acha que o uso de /soltano/ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque sei lá.

11. Em sua opinião, as pessoas que falam /soltano/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê? As vezes



O presente trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber a sua opinião a respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). A sua participação é importante. Você terá a oportunidade de refletir sobre a sua língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e principalmente estimular seu espírito de pesquisador cientista.

Aluno:

Código: P4

Questionário

1. É comum as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) Sim () Não

2. Você fala /dinhêro/ ou /diêro/?

() /dinhêro/. () /diêro/. (x) nenhuma?

3. O que você acha de falar /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) Certo. () Errado.

Por quê? Não que eu ache que seja certo, eu acho normal.

4. Você acha que a utilização dessas formas depende da região onde a pessoa mora?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque em cada região tem seu jeito de falar.

5. Você acha que o uso dessas palavras tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Por causa que as pessoas falam de seu jeito e sua região.

6.Em sua opinião, as pessoas que falam /dinhêro/ ou /diêro/ sofrem preconceito?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque essas pessoas falam desse jeito, elas podem falar também.

7.É comum ouvir as pessoas, independente da escolaridade, falarem /soltano/ ao invés de soltando?

(x) Sim. () Não.

8.Você fala.

() soltando. (x) /soltano/.

9.O que você acha de falar /soltano/?

(x) Certo. () Errado.

Por quê? Tanto faz as duas faz tem o mesmo sentido.

10.Você acha que o uso de /soltano/ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque essas pessoas falam de um jeito e de outro porque é o mesmo sentido.

11.Em sua opinião, as pessoas que falam /soltano/ sofrem preconceito?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque /soltano/ e soltando tem o mesmo sentido.

O presente trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber a sua opinião a respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). A sua participação é importante. Você terá a oportunidade de refletir sobre a sua língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e principalmente estimular seu espírito de pesquisador cientista.

Aluno:

Código: P5

Questionário

1. É comum as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) Sim () Não

2. Você fala /dinhêro/ ou /diêro/?

() /dinhêro/. () /diêro/. (x) nenhuma?

3. O que você acha de falar /dinhêro/ ou /diêro/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Jeito errado pois é informal.

4. Você acha que a utilização dessas formas depende da região onde a pessoa mora?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque vai de região em região, e nem todas são iguais.

5. Você acha que o uso dessas palavras tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque as vezes a pessoa não tem conhecimento.

6. Em sua opinião, as pessoas que falam /dinhêro/ ou /diêro/ sofrem preconceito?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque cada um fala errado se perceber.

7. É comum ouvir as pessoas, independente da escolaridade, falarem /soltano/ ao invés de soltando?

(x) Sim. () Não.

8.Você fala.

(x) soltando. () /soltano/.

9.O que você acha de falar /soltano/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê?

10.Você acha que o uso de /soltano/ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê?

11.Em sua opinião, as pessoas que falam /soltano/ sofrem preconceito?

() Sim. (x) Não.

Por quê?



O presente trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber a sua opinião a respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). A sua participação é importante. Você terá a oportunidade de refletir sobre a sua língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e principalmente estimular seu espírito de pesquisador cientista.

Aluno:

Código: P6

Questionário

1. É comum as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) Sim () Não

2. Você fala /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) /dinhêro/. () /diêro/. () nenhuma?

3. O que você acha de falar /dinhêro/ ou /diêro/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Porque é uma palavra informal.

4. Você acha que a utilização dessas formas depende da região onde a pessoa mora?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Isso é um jeito que as pessoas falam informalmente.

5. Você acha que o uso dessas palavras tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Muitas pessoas não têm estudos.

6. Em sua opinião, as pessoas que falam /dinhêro/ ou /diêro/ sofrem preconceito?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque já se popularizou na cidade.

7. É comum ouvir as pessoas, independente da escolaridade, falarem /soltano/ ao invés de soltando?

(x) Sim. () Não.

8. Você fala.

(x) soltando. () /soltano/.

9. O que você acha de falar /soltano/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Porque é uma palavra informal.

10. Você acha que o uso de /soltano/ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque a pessoa provavelmente não tem conhecimento.

11. Em sua opinião, as pessoas que falam /soltano/ sofrem preconceito?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Talvez a pessoa não tem um nível de escolaridade.



O presente trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber a sua opinião a respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). A sua participação é importante. Você terá a oportunidade de refletir sobre a sua língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e principalmente estimular seu espírito de pesquisador cientista.

Aluno:

Código: P7

Questionário

1. É comum as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: /dinhêro/ ou /diêro/?

() Sim (x) Não

2. Você fala /dinhêro/ ou /diêro/?

(x) /dinhêro/. () /diêro/. () nenhuma?

3. O que você acha de falar /dinhêro/ ou /diêro/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Porque essa palavra não esta certa.

4. Você acha que a utilização dessas formas depende da região onde a pessoa mora?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque alguns alunos não consegui acompanhar.

5. Você acha que o uso dessas palavras tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque a criança as vezes tem problema de entender.

6.Em sua opinião, as pessoas que falam /dinhêro/ /diêro/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque muita gente acha engraçado.

7.É comum ouvir as pessoas, independente da escolaridade, falarem /soltano/ ao invés de soltando?

() Sim. (x) Não.

8.Você fala.

(x) soltando. () /soltano/.

9.O que você acha de falar /soltano/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Porque não é uma palavra certa.

10.Você acha que o uso de /soltano/ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque alguns alunos não conseguem acompanhar.

11.Em sua opinião, as pessoas que falam /soltano/ sofrem preconceito?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque esse tipo de palavra não é muito observado.



O presente trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber a sua opinião a respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). A sua participação é importante. Você terá a oportunidade de refletir sobre a

sua língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e principalmente estimular seu espírito de pesquisador cientista.

Aluno:

Código: P8

Questionário

1. É comum as pessoas falarem, onde você mora, pelo menos uma dessas formas: Dinheiro ou diêro?

(x) Sim () Não

2. Você fala /dinheiro/ ou /diêro/?

(x) /dinheiro/. () /diêro/. () nenhuma?

3. O que você acha de falar /dinheiro/ ou /diêro/?

() Certo. (x) Errado.

Por quê? Porque não é a forma correta.

4. Você acha que a utilização dessas formas depende da região onde a pessoa mora?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque em cada região se fala de forma diferente.

5. Você acha que o uso dessas palavras tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Porque muitas pessoas falam assim, por seu nível de escolaridade.

6. Em sua opinião, as pessoas que falam /dinheiro/ ou /diêro/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê? De outras regiões que falam diferente, fazem preconceito, com a fala dos outros.

7. É comum ouvir as pessoas, independente da escolaridade, falarem /soltano/ ao invés de soltando?

(x) Sim. () Não.

8. Você fala.

() soltando. (x) /soltano/.

9.O que você acha de falar /soltano/?

(x) Certo. () Errado.

Por quê? Por ser uma forma de falar de uma região.

10.Você acha que o uso de /soltano/ tem a ver com o nível de escolaridade da pessoa?

() Sim. (x) Não.

Por quê? Porque mesmo pessoas com alta escolaridade, costumam falar assim.

11.Em sua opinião, as pessoas que falam /soltano/ sofrem preconceito?

(x) Sim. () Não.

Por quê? Não por pessoas da mesma região, mas por pessoas de outras regiões.

OFICINAS PEDAGÓGICAS
VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA COM BASE NOS TRAÇOS GRADUAIS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	88
HABILIDADES DA BNCC.....	89
PRIMEIRA OFICINA	90
SEGUNDA OFICINA	94
TERCEIRA OFICINA	98
QUARTA OFICINA	103
QUINTA OFICINA.....	103
SEXTA OFICINA	105

APRESENTAÇÃO

Abordar a variação linguística em sala de aula é sempre proveitoso por tratar de assunto que, mesmo previsto nos currículos de Língua Portuguesa, de acordo com a BNCC, pode provocar um grande impacto negativo na vida acadêmica do aluno, levando-o a perder o interesse pela disciplina, quando o seu dialeto não é respeitado como legítimo, no contexto das variedades linguísticas.

E para levar o ensino e a discussão do tema para a sala de aula, de forma mais eficiente possível, o trabalho com oficinas desponta como importante recurso didático. Pois as oficinas caracterizam-se como um importante instrumento didático e pedagógico, que visam superar as dificuldades, de forma descontraída, levando os alunos a refletirem sobre o que eles não sabiam e passaram a saber; visto que eles se sentem participantes ativos na construção do saber, com o aprendizado estimulado pelo trabalho em equipe. O objetivo geral, destas oficinas é apresentar uma proposta de trabalho, com base nos traços graduais, após a constatação da dificuldade de percepção do aluno sobre a variação da fala não monitorada, nas diferentes variedades.

HABILIDADES DA BNCC

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

OFICINA 1: Variação Linguística- Um Fenômeno Natural da Língua



Disponível em:
<http://www.cataphora.com.br/2010/02/o-new-portuguesis-linguagem-do-aluno-e.html> Acesso em:
 18 fev. 2023.

Objetivo: Compreender que a variação é uma propriedade inerente a todas as línguas.

Duração: Duas aulas de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, caneta, caderno.

Metodologia:

Os alunos realizarão leitura de poemas e de letra de música, como introdução ao estudo da variação linguística. Em seguida farão comentários em uma roda de conversa sobre o tema.

Primeira aula.

Leitura de poemas

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso câmara

Me dá um cigarro

Oswald de Andrade, O. Obras completas, volume 6-7. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 1972

Acesso da internet em 27/11/22

<https://www.pensador.com/frase/NTU4NjA3/>

Vício da fala

Oswald de Andrade

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados.

Acesso da internet em 28/11/22

<https://www.pensador.com/frase/NTY0OTgx/>

Leitura de letra de música

Chopis Centis

Mamonas Assassinas

Eu di um beijo nela
E chamei pra passear
A gente fomos no shopping
Pra mó di a gente lanchar

Comi uns bicho estranho
Com um tal de gergelim
Até que tava gotchoso
Mas eu prefiro aipim

Quantcha gente
E quantcha alegria
As minha felicidade
É um crediário nas Casas Bahia

Quantcha gente (Oba!)
Quantcha alegria
As minha felicidade
É um crediário nas Casas Bahia

Pra arriba!
Joinha, joinha, chupetão, vamo lá!
Chuchuzinho, vamo lá
Onde é que entra, ein?

Esse tal Chopi Centis
É muithco legalzinho
Pra levar as namorada (Vem cá, vem!)
E dar uns rolezinho

Quando eu estou no trabalho
Não vejo a hora de descer dos andaime
Pra pegar um cinema, ver Schwarzeneger
Tombém o Van Diaime

Quantcha gente (Sai daí!)
Quantcha alegria
A minha felicidade
É um crediário nas Casas Bahia (Bem forte)

Quanta gente
Quantcha alegria (Oba!)

A minha felicidade
É um crediário nas Casas Bahia

Acesso na internet em 28/11/22

<https://www.letras.com.br/mamonas-assassinas/chopis-centis>

Compositores: Julio Cesar Barbosa / Dinho

Segunda aula- Roda de Conversa

Após a leitura dos poemas e da letra de música, inicia-se uma roda de conversa, a fim de identificar o conhecimento prévio do aluno, sobre a variação linguística. São feitos os seguintes questionamentos:

-As línguas são homogêneas, ou seja, existe uma só forma de falar?

-Existem formas de falar que são superiores às outras?

-As variedades que se diferenciam da variedade considerada padrão devem ser vistas como imperfeitas, incorretas e inadequadas?

Depois de ouvidas as respostas dos alunos, o professor faz uma explicação sobre o fenômeno da heterogeneidade linguística na fala e na escrita. E os alunos, mais uma vez, fazem comentários sobre o que acharam da variação linguística, encontrada nos poemas e letra de música.

OFICINA 2:- Na Língua Falada Não Existe Erro, e Sim Adequação



<https://escolakids.uol.com.br/portugues/adequacao-linguistica.htm>

Acesso em 18 de fev. 2023.

Objetivo: Levar o aluno a perceber que a língua não é uniforme, mas variável e expressa de diversas maneiras.

Duração: Duas aulas de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, caneta, caderno

Metodologia:

Primeira aula: Os alunos analisarão um diálogo e uma tirinha sobre situações comunicativas e, em seguida, responderão questões envolvendo adequação linguística, nos dois gêneros.

Análise de duas situações comunicativas

Gerente: — Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente: — Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente: — Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente: — Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente: — Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTONI-RICARDO, S.M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).



WATTERSON, Bill. "O melhor de Calvin". O Estado de S. Paulo. São Paulo, 27/ago/2002.

Para sermos políglotas em nossa própria língua, é preciso ficar atento à adequação linguística.

Acesso da internet em 27/11/22

<https://escolakids.uol.com.br/portugues/adequacao-linguistica.htm>

ATIVIDADE

Questão 1: Que tipo de linguagem a gerente utilizou durante o tempo em que imaginava está falando com um estranho?

R-

Questão 2: Que tipo de linguagem a gerente utiliza depois que descobre que o cliente é amigo dela?

R-

Questão 3: Na sua opinião, houve algum prejuízo na comunicação entre as duas pessoas, quando a funcionária altera o nível de linguagem?

R-

Questão 4: Você acha que as duas variedades (diferentes formas de falar) empregadas pela profissional foram eficazes na comunicação? Por quê?

R-

Questão 5: Observando o diálogo entre Calvin e a mãe, podemos dizer que ele fez uso da adequação linguística? Por quê?

R-

Segunda aula:

Os alunos lerão a canção de Noé Rosa, Com que roupa, e farão associação com duas situações retratadas, através de figuras. As duas perguntas que responderão pode ser oralmente ou por escrito ao professor.

Análise de situações relacionadas à variação

Com Que Roupa?

Canção de Noel Rosa

Agora vou mudar minha conduta
Eu vou pra luta
Pois eu quero me aprumar
Vou tratar você com a força bruta
Pra poder me reabilitar
Pois esta vida não tá sopa
E eu pergunto com que roupa

... Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou
Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou

... Agora eu não ando mais fagueiro
Pois o dinheiro
Não é fácil de ganhar
Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro
Não consigo ter nem pra gastar
Eu já corri de vento em popa
Mas agora com que roupa

... Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou
Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou

... Eu hoje estou pulando como sapo
Pra ver se escapo
Desta praga de urubu

Já estou coberto de farrapo
 Eu vou acabar ficando nu
 Meu terno já virou estopa
 E eu nem sei mais com que roupa

... Com que roupa que eu vou
 Pro samba que você me convidou
 Com que roupa eu vou
 Pro samba que você me convidou

... Vai de roupa velha e tutu, seu trouxa

Compositores: Rodrigo Pereira Martins / Eliseu Fiuza / Noel De Medeiros Rosa

Fonte: **Musixmatch**

Acesso da internet em 27/11/22

<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=com+que+roupa+eu+vou+letra>

Agora analise as situações abaixo:



Fig. 1

Fonte: <https://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/norma-padrao-e-variacao-linguistica/#>

Acesso em 27/11/22



Fig. 2

Fonte: <https://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/norma-padrao-e-variacao-linguistica/#>

Acesso em 27/11/22

ATIVIDADE

Após fazer a leitura da canção e analisar as imagens responda:

1-O que você considera inadequado nas figuras 1 e 2?

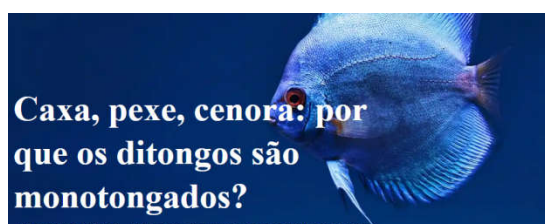
Fig.1

Fig.2

2- Ao observar as imagens, você vê alguma semelhança com a linguagem que utilizamos no dia a dia?

R

OFICINA 3: Dois sons que se transformam em um só (Monotongação)



<https://www.roseta.org.br/2022/07/20/caxa-peixe-cenora-por-que-os-ditongos-sao-monotongados>. Acesso em 19 de fev. 2023

Objetivo: Compreender que existe a monotongação na língua portuguesa e que este é um fenômeno característico da variação linguística.

Duração: Três aulas de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, caneta, caderno

Metodologia:

Primeira aula: - Os alunos identificarão ditongos e observarão a transformação de ditongos em monotongos, na língua escrita e falada, observando palavras soltas e um poema da literatura popular.

.O ditongo

O ditongo é o encontro de uma vogal + uma semivogal (i e u) ou de uma semivogal + uma vogal na mesma sílaba. De posse dessa informação, indique o ditongo nas palavras a seguir, se houver:

A. Água B. Saudade C. Ontem D. Sol E. Saúde

I- Sabemos que os ditongos são classificados em: crescente (semivogal +vogal) e decrescentes (vogal + semivogal). Com base nessa informação, classifique os ditongos a seguir em crescente e decrescente:

A. Ameixa B. Pai C. Água D. Sequência E. Não

II- O ditongo decrescente pode ser o ambiente em que a semivogal pode deixar de ser pronunciada na fala sem mudar o sentido, a exemplo de deixar, que pode ser falado como e em quais palavras isso pode ocorrer:

a) Nos ditongos “ai”:

A. Baixo B. Paire C. Caixa D. Bairro E. Faixa

b) Nos ditongos “ei”:

A. Peixe B. Cadeira C. Meiga D. Papeis E. Leite

c. Nos ditongos “ou”:

A. Ouro B. Couro C. Besouro D. Outro E. Calouro

Segunda aula:

-Leitura de poema.

Nesta oficina, os alunos observarão o fenômeno da monotongação, na modalidade escrita da língua. Uma vez que este fenômeno é materializado, em variantes populares, através da escrita. Autores da literatura popular, como Patativa do Assaré, traduzem estes usos da fala, por meio da escrita.

A MORTE DE NANÃ

Patativa do Assaré

Eu vou contá uma históra
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô do meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença
De quem perdeu na isistença
O que mais amou na vida.

Já tou véio, acabrunhado,
Mas inriba deste chão,
Fui o mais afurtunado
De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma quirida fia,

Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

Morreu na sua inocença
Aquele anjo incantadô,
Que foi na sua isistença,
A cura da minha dô
E a vida do meu vivê.
Eu **bejava**, com prazê,

Todo dia, demenhã,
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã.

Nanã tinha mais primô
De que as mais bonita jóia,
Mais linda do que as fulô
De um tá de Jardim de Tróia
Que fala o dotô Conrado.
Seu cabelo cachiado,
Preto da cô de viludo.
Nanã era meu tesôro,
Meu diamante, meu ôro,
Meu anjo, meu céu, meu tudo.

Pelo terrêro corria,
Sempre sirrindo e cantando,
Era lutrida e sadia,
Pois, mesmo se alimentando
Com **fejão**, mio e farinha,
Era gorda, bem gordinha
Minha querida Nanã,
Tão gorda que reluzia.
O seu corpo parecia
Uma banana-maçã. (...)

a) Escreva as palavras destacadas de acordo com a ortografia.

R-

b) O que você observou em relação a estas palavras no poema?

R-

c) Que pronúncia é mais comum na fala das pessoas, de um modo geral? Com o apagamento ou com a presença da semivogal (i)?

R-

Terceira aula.

Comparação entre a Língua Escrita e a Língua Falada

Língua escrita	Língua falada
beicho	beicho
beijo	bêjo
brasileiro	brasilêro
cheiro	chêro
deixa	dêxa
jeito	jeito
leigo	leigo
peito	peito
peixe	pêxe
primeiro	primêro
queijo	quêjo
queixo	quêxo
seiva	seiva

Fonte: Livro: A Língua de Eulália-Novela Sociolinguística. pg.88.

a) Em que situações, ou seja, o contexto fonético, o ditongo escrito **ei** deixa de ser ditongo e se transforma na vogal **e**, com timbre fechado?

R-

b) Na língua falada, que forma é mais comum: com o ditongo ei ou com a monotongação (dois sons que se transformam num só)?

R-

OFICINA 4: O apagamento do /d/ em gerúndio, na fala das pessoas

Objetivo: Compreender o processo fonológico da assimilação e perceber como exemplo de variação da língua falada.

Duração: Uma aula de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, caneta, caderno

Metodologia:

Primeira aula: O professor faz uma exposição do processo de assimilação, em seguida, os alunos responderão se costumam falar ou ouvir pessoas falando nessas formas.

ATIVIDADE

Observe 6 verbos da primeira conjugação, no gerúndio.

Andando/avançando/abeçoando/terminando/soltando/visitando

1-Escreva as mesmas palavras com o **d** apagado.

R

2-Você costuma falar ou ouvir pessoas falando nessas formas?

R-

3-Se você respondeu afirmativamente, você também consegue observar se este fenômeno ocorre na fala, independente de classe social ou nível de escolaridade?

R-

OFICINA 5: A língua varia ao longo de um contínuo

OBJETIVOS: -Identificar a monotongação e a assimilação, na língua falada.

-Perceber o fenômeno da variação linguística, ao longo do contínuo de urbanização.

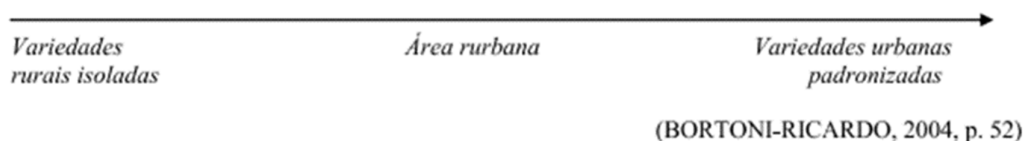
Duração: Duas aulas de 50 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Recursos: notebook, datahow, lápis, caderno.

Metodologia:

Primeira aula: Exposição do conteúdo: Contínuo de urbanização



- Após a exposição do conteúdo, os alunos vão ouvir a fala de pessoas pertencentes a variedades estigmatizadas, através de vídeos, para observação se há a presença do fenômeno da monotongação do ditongo **ei** e da assimilação da letra **d** em palavras terminadas com **ndo**.

(entrevista com uma lavadeira de baixa escolaridade)

-Em seguida, assistirão a vídeos de falantes pertencentes a variedades prestigiadas, também para observação se há a presença do fenômeno da monotongação do ditongo **ei** e do apagamento da letra **d**, em formas do gerúndio, na fala dos entrevistados.

(entrevistas com pessoas famosas da cultura piauiense, de elevado nível de escolaridade)

Segunda aula:

Gênero Roda de Conversa

-Questionamento do professor sobre o que os alunos perceberam de comum nas falas das pessoas, independente da variedade utilizada.

-Comentários dos alunos sobre a variação linguística na fala das pessoas;

-Os alunos devem ser solicitados a comentar se perceberam a monotongação do ditongo **ei** e a assimilação de **d** no encontro **ndo**.

-Também podem fazer uma conclusão sobre o assunto, relacionando a questões de preconceito linguístico.

OFICINA 6: Demonstrando o que aprenderam sobre a variação linguística

Objetivo: Perceber que, à luz dos estudos sociolinguísticos, as avaliações e juízos de valor, concernentes às variedades linguísticas são de natureza social, ou seja, que todas as variedades devem ser respeitadas.

Duração: uma aula de 50 minutos

Espaço: pátio da escola

Recursos: microfone e caixa de som.

Metodologia:

-Culminância das oficinas com dramatização de uma situação de comunicação em que pessoas de variedades populares e prestigiadas usam as mesmas variantes.

-Após a apresentação, as pessoas do auditório serão questionadas sobre o que acharam da fala dos personagens; se notaram algo em comum na pronúncia de palavras.

-No final, um aluno participante da peça pergunta ao auditório o que acharam da fala das pessoas. Depois de ouvidas as respostas, um participante explica sobre o que foi retratado na peça, caso o auditório não tenha percebido.

TERMO DE COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

Ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Eu, Antonio José Pereira da Silva (pesquisador responsável) do estudo intitulado "PASSÁ", "SOLTANO" E "DINHERO"-ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM ALUNOS DO OITAVO ANO" declaro que:

1. Tenho conhecimento e assumo o compromisso de cumprir os termos das Resoluções CNS 466/2012 e CNS 510/2016 e demais resoluções complementares às mesmas;
2. Só será dado início ao estudo após emissão do parecer de aprovação do CEP;
3. Assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas durante todo o desenvolvimento desta pesquisa;
4. Todos os dados e materiais obtidos no desenvolvimento do estudo proposto serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa, e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos participantes e apreciação prévia do CEP.
5. Todos os documentos e dados obtidos durante a coleta de dados, serão arquivados ao final da pesquisa, sob minha responsabilidade por cinco anos. Após este período serão destruídos de forma adequada.
6. A publicação dos resultados da pesquisa só será realizada para fins científicos, com apresentação em eventos relacionados à área da saúde de interesse do tema, ou em jornais científicos, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos participantes da pesquisa;

Teresina, 15 de Fevereiro de 2022

Pesquisador Responsável: Antonio José Pereira da Silva

CPF: 35326891387

Assinatura: *Antonio José Pereira da Silva*

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Eu Antonio José Pereira da Silva convido você a participar da pesquisa "PASSÁ", "SOLTANO" E "DINHERO"-ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM ALUNOS DO OITAVO ANO". Informo que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. O trabalho tem como objetivo principal examinar atitudes dos alunos sobre variação linguística, ou seja, saber o que você pensa e, ao mesmo tempo, saber suas opiniões respeito da variação linguística (diferentes formas de falar). É muito importante a sua contribuição, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. Outros adolescentes participantes desta pesquisa têm de 13 a 14 anos de idade. A pesquisa será feita na sala de aula da E.M. Mariano Alves de Carvalho, onde você responderá a um questionário sobre a variação na forma de falar das pessoas e também participará de entrevistas em grupo, respondendo algumas questões sobre variação linguística. Antes da pesquisa serão apresentados vídeos sobre entrevistas de pessoas de diferentes níveis sociais, para você dar sua opinião sobre as manifestações da fala das pessoas. Após essa etapa de pesquisa, haverá a aplicação de uma atividade de intervenção, em que será utilizada uma sequência didática para desenvolver os seus conhecimentos no campo da variação linguística. A sequência didática constará de 05 aulas em que você aprenderá sobre o uso da linguagem em suas diversas possibilidades de manifestações, ou seja, a língua e suas variações; de discussões sobre a língua portuguesa e a diversidade da língua; as variedades da língua e o preconceito linguístico; tudo isso após apresentação de vídeos, poemas da literatura de cordel e documentários sobre a língua e a variação linguística. Poderão ocorrer riscos para sua saúde, como cansaço e estresse, em virtude da duração da pesquisa e atividade de intervenção. Mas haverá o devido cuidado para não se estenderem as discussões, comentários, realização de atividades e preenchimento de questionários; como também haverá a preocupação didática de levar para sala de aula material lúdico e interessante. Caso aconteça algo errado, você, seus pais ou responsáveis poderá (ão) nos procurar pelos contatos que estão no final do texto. A sua participação é importante. Você terá oportunidades de refletir sobre a língua e suas variações; compreender a língua como heterogênea; e saber usá-la em diferentes contextos, fazendo as devidas adequações; distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala) e, principalmente, estimular o seu espírito de aluno pesquisador-investigador. As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados na dissertação de mestrado, mas sem identificar (dados pessoais, vídeos, imagens e áudios de gravações) dos participantes.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa PASSÁ, "SOLTANO" E "DINHERO"-ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM ALUNOS DO OITAVO. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

_____, de _____ de 2022.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você, pai/responsável pelo menor, está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa..... "PASSÁ", "SOLTANO" E "DINHERO"-ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM ALUNOS DO OITAVO ANO, sob a responsabilidade de Antonio José Pereira da Silva, pesquisador deste trabalho. O estudo se destina a levar o aluno a adquirir uma consciência mais ampla sobre questões relacionadas à variedade linguística e preconceito linguístico, visando a atingir uma atitude linguística positiva com relação à diversidade linguística que existe no ambiente no ambiente social e, conseqüentemente, no espaço de sala de aula. Pelos objetivos propostos nesse projeto, espera-se que os alunos exercitem um olhar mais atento e cauteloso sobre a diversidade linguística e adquiram conhecimentos suficientes para o desenvolvimento de atitudes de valorização e respeito à língua, tanto de sua realidade, como de outras variedades. Desenvolvam competência linguística e comunicativa para interagir em diferentes situações comunicativas e sejam usuários críticos e reflexivos da língua materna. A pesquisa será feita da seguinte maneira: os alunos participarão de testes de atitudes linguísticas, através de respostas a questionários e entrevistas em grupo. Após participarão de uma atividade de intervenção, na qual entrarão em contato com conhecimentos relacionados ao tema da pesquisa. Serão atividades com vídeos e leituras, sempre abordando a questão da diversidade linguística, como estímulo ao combate ao preconceito linguístico, que aquele em que as pessoas discriminam os outros ou atribuem muito prestígio de acordo com o modo de falar. Serão utilizadas apenas cinco aulas, portanto, não comprometendo as atividades curriculares. As atividades serão o máximo diversificadas possíveis, visando diminuir qualquer cansaço, estresse ou desgaste emocional, que porventura ocorram em função da extensão do trabalho. Qualquer despesa financeira envolvida na pesquisa será coberta pelo pesquisador e fica garantido ao participante o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você será informado (a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. As informações conseguidas através da participação do menor sob sua responsabilidade na pesquisa não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização. Você deverá ser ressarcido (a) por todas as despesas que venha a ter com a participação do menor sob sua responsabilidade nessa pesquisa. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

Eu, responsável pelo menor que foi convidado a participar da pesquisa, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação no mencionado estudo e estando consciente dos direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação implicam, concordo em autorizar a participação do menor e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe de pesquisa (OBRIGATÓRIO):
 Instituição: E.M. MARIANO ALVES DE CARVALHO
 Endereço: AV. POTY VELHO 5760 TERESINA=PI

Assinatura do menor

Antonio José Pereira da Silva
Assinatura do pesquisador responsável

Pesquisador Responsável: Antonio José Pereira da Silva

Endereço: Rua 01

Quadra K Casa 2296

CEP 64012636 Teresina- PI

☒:

E-mail:antonio.josepereira@hotmail.com